

Patrícia Rochael

Tempo de Correspondências

Da obra de Lya Luft a um pensamento clínico: nexos e desmontes

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

2006

Patrícia Rochael

Tempo de Correspondências

Da obra de Lya Luft a um pensamento clínico: nexos e desmontes

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência parcial
para obtenção do título de Mestre em Psicologia
Clínica, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz B. L.
Orlandi

Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica
Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

2006

Banca Examinadora

São Paulo, _____ de 2006

A LUIZ QUEROLIM NETO –

Um brilhante que partindo a luz explode em sete cores, revelando então... os sete mil amores que eu nunca poderei guardar só em mim... e que para “te” dar eu ainda precisarei viver, caminhar, saborear amores e tragicidades, escrever tanto e tanto...

... A LUIZ QUEROLIM NETO – *in memoriam*,
cuja dedicatória do último livro diz:

“À Patrícia Rochael com que saboreio a doce e trágica aventura de ser caminhante”

Agradeço a essas palavras todos os dias.

E...

... a força na escrita e na vida, eu a uso agora para retribuir a simpatia e a vitalidade que tanto invadem esse “meu” jeito de ser caminhante para me trazer algo de você.

A SUELY ROLNIK – onde tudo re-começa...
ou... se põe a inventar...

Agradecimentos

À força-Orlandi, por proliferar em ecos nossos risos, criações conjuntas e nossa coragem.

Ao trio eletrizante: Suely-Peter-Orlandi.

Inapreensível o apontamento das razões, porquês ou efeitos da atuação de um ou de outro. O lance é que esse multi-trio – e seus ritmos – já se misturaram ao meu modo e ritmo de viver e amadurecer por aí.

Aos amigos do Núcleo. Parceiros capazes de transfigurar choques, acasos e esbarradas iniciais em uma potência afetiva que coloca em cena o charme dos entendimentos e afinidades conquistados.

À compreensão, ao apoio nos bastidores e à força – tão real e afirmativa – vindos do que displicentemente chamamos: amor de pai e de mãe.

Qualquer palavra de agradecimento parece insuficiente...

Ao cuidado e carinho proporcionados por meus tios na cidade de São Paulo. Sem sua disposição, meu percurso teria sido bem mais árduo. Assim, a gratidão se faz sensivelmente próxima e atual.

Aos amigos das tantas cidades nas quais perambulamos, estudamos, trabalhamos, dançamos, conversamos, bebemos... nos formamos, enfim. É impossível listar. Vocês, tão presentes, sabem.

A Enio Cáceres, por gestos de leveza, estímulo e compreensão nos momentos divididos com meu trabalho; por cuidados inventivos nas horas finais e mais difíceis – por definição.

Aos pacientes, tão protagonistas e formadores de um pensamento que se multiplica para além de qualquer escrita.

Ao CNPq, por todo o apoio.

Resumo

Como buscar e delinear uma delicadeza de trato num jogo do qual participam não só fragmentos literários, mas também, implícita ou explicitamente, algumas idéias e ainda intensificações da subjetividade?

Foi esta uma problematização impulsora que insistia e se presentificava no decorrer deste estudo. Do rastreamento e da pesquisa da obra de Lya Luft, alguns volumes e personagens permaneceram. Dedicamo-nos a explorar, nessas figuras, certos impasses na instalação de mais vida no seu espaço de vida.

São figuras-dispositivos, nexos e desmontes que se deslocam de contextos unicamente literários e dizem de certos combates de forças que muito interessam à clínica. Frágeis empreendimentos de saúde. Instabilidades inapreensíveis e, no entanto, irredutíveis. Graus variáveis de naufrágio imanentes a graus variáveis de convalescença: uma complicação clínica. Na tessitura deste trajeto, uma rede de sustentação estende suas contribuições e lampejos conceituais e afetivos.

Abstract

How can one seek and outline some finesse of handling in a game where not only are the partakers literary fragments, but also - implicitly or explicitly - ideas and even intensifications of the subjectivity?

This has been the triggering problematization which has insisted and kept itself present during this study. From the tracking and research of Lya Luft's work, some volumes and characters have remained. We have dedicated ourselves to exploring - in these figures - some deadlocks at the induction of more life in their life spaces.

They are figures acting as devices, nexuses and dismounts, shifting from solely literary contexts and telling us about some force struggles which are very interesting to clinical studies. Fragile health undertakings. Inapprehensible yet irreducible instabilities. Varying levels of sinking inherent to varying degrees of convalescence: a clinical intricacy. During the structuring of this journey a sustenance net has extended its contributions as well as conceptual and affective sparkles.

Sumário

I – Introdução	9
II – Corpo – no meio do jogo	
Exílio	26
O Ponto Cego	56
III – Conclusão	
Duas ou três considerações de percurso	90
ou	
Por mais um pouco – na “carta”	93
ou	
Para um jogo por vir	102
IV – Referências	106

I. Introdução

- **Uma carta como introdução?**
- **Por que não? Mas não só.**

Olá... ‘Lya’, ‘você’ não ‘me’ conhece, mas estou tentando arrumar um jeito de fazer uma dissertação de mestrado ‘sobre você’. Na verdade, estou tentando pensar algo como a literariedade¹ da escrita de Lya Luft.

Por isso, se falo a *você*, é a um ‘você’ esquisitíssimo, pois, por modos os mais diversos ao longo dos anos de entrevistas e relatos sobre seus procedimentos de escrita, vive dizendo coisas do tipo:

(...) o ficcionista é também um ator: sou (e não sou) meus personagens. Sei tudo a seu respeito: o que sentem, pensam, temem ou desejam. São pedaços meus, fantasias e medos, frustrações e desejos, são aquilo que se remexe atrás das portas do chamado inconsciente – não apenas meu, mas da minha gente, porque todo escritor fala por muitos (...) E quando começo a “ser” essa pessoa, quando o clima da obra me envolve e me arrasta, chegou o momento em que o livro quer ser escrito. Estarei aberta a ele, deixarei que essas criaturas subam das profundezas do caldeirão de bruxas que é experiência e alucinação, memória e invenção, perplexidade e amadurecimento, e tentarei dar-lhes voz na minha voz.²

É em relação aos efeitos dessas vozes em nós, linhas e devires nelas convocados e aos procedimentos literários que você usa para isso que tento pensar sua escrita³. Conforme ela funcionar como um dispositivo de problematizações, estaremos na interface de seus índices com um certa clínica contemporânea.

É bom também que, logo de cara, já se eliminem algumas expectativas, não? Então, lá vai um elenco do que não se vai e nem se quer fazer aqui.

¹Tal termo – *literariedade* – diz respeito aos procedimentos que singularizam uma obra poética ou literária. Assim compreendida, a literariedade revela o estilo, na medida em que este não se reduz à manipulação pessoal e reflexiva de recursos lingüísticos disponíveis; sendo, isto sim, modulação impessoal de uma potência intervalar ressonante - a potência de *Idéias*, como diria Deleuze, que são *Visões e Audições* de passagens de vida pela linguagem. ORLANDI, L. B. L. *Notas de orientação*. São Paulo: PUC, 2004.

² LUFT, L; *Somos o Material de Nossa Arte (Ensaio)* São Paulo: PUC, 1997, número especial.

³ A criação, portanto, desse ‘Lya’ entre aspas, desenvolveu-se justamente em prol uma necessidade, qual seja: a de circular e atravessar, ‘dialogar’ e questionar, não junto à escritora Lya Luft, mas junto a esquemas e procedimentos usados em parte de seu conjunto de textos. Ou seja, vontade de travar diálogo com um modo de escrever, de levantar e tratar certas temáticas ao longo da obra literária. Esse modo anda em direta ressonância com um estilo de experimentar formações e impasses de *Idéias, Visões e Audições*, a partir das quais uma literariedade se inventa e se

A mais exterior dessas coisas é pensar sua escrita em relação ao social. Não se fará aqui uma espécie de sociologia dessa literatura.

Em segundo lugar: tampouco se procura aqui, de forma alguma, um posicionamento relacionado a algo como a ‘psicologia do escritor’. Pois teria sido a mais brutal das imersões na sua obra; ou seja, ler sem considerar, dentre as guerrilhas por ela travadas, uma que lhe importa muito (Entenderemos o seu posicionamento com maior propriedade mais para frente, quando tivermos percorrido mais caminhos). Em outras palavras, diz você: *Se não podem sentir, não torçam (...)* *Não me queiram prender como a um inseto no alfinete da interpretação. (...) Basta que a torturada vida das palavras deite seu fogo ou mel na folha quieta, num texto qualquer com o meu nome embaixo*⁴.

Então, ‘Lya’, é do interior da sua fala que retiro o impedimento.

Agora, há ainda mais uma ressalva, por jogarmos um jogo difícil; não se fará, neste trabalho, análise literária *stricto sensu*. Não é isso, pois mesmo que tenhamos uma bateria tecnológica para fazê-la, submetendo o texto a um jogo de significantes-significados, as problematizações que me afetam não são dessa esfera. São de outra ordem.

E nem chegamos ainda à encrenca mor!

Antes disso, um comentário.

Vejo que existem, na Academia, a preocupação e a necessidade, para qualquer que seja a proposta, o projeto e a empreitada num processo de pesquisa, de justificativas frente a tal intuito, além de considerações e reais argumentos sobre o *porquê, como, para que* – essas coisas que você, já tendo sido docente de Faculdade de Letras, sabe bem.

É por haver essas exigências que temos esta preocupação: como, não permanecendo em facetas do elenco acima, justificar esse “outro negócio” em uma Pós-Graduação de Psicologia Clínica? Apesar de parecer uma urgentíssima indagação, não se pretende uma resposta-expressa. A problematização, por si só, já contém angústia demais para uma simples cartinha, não é?

revela.

⁴ LUFT, L. *Mulher no Palco*, p. 47

O fato é que meu orientador alega: *Tudo o que você diz aí sobre suas dificuldades, você vai incorporar ao trabalho. Todos esses sustos... pois em vez de contar sua biografia, você pode já explicitar suas dificuldades; pois são verdadeiras, e como você é autêntica na exibição de dificuldades, incorporá-las será um bom estudo.*⁵ Apesar disso, nisso de incorporar complicações afim de esta ‘produção’ se tornar um bom estudo e nisso aí da autenticidade eu não acredito muito, não.

Enfim, Lya, não sei se já dá para achar alguma coisa disso, mas qualquer idéia a respeito, acene, grite, mande uma ‘carta’, invente qualquer coisa...

De tudo, uma suspeita: não vai dar para preender isso – as tais dificuldades, inclusive – só mais para frente, não. Essa inicial cartinha já vai ter de estar contaminada por esse estilo, com incertezas e deslocamentos de certos segmentos.

Quase que bate uma dúvida, não? Queremos ou não continuar a ler e produzir?⁶

Mesmo porque não dá para se saber aonde nos levarão os próximos parágrafos; se nos deslocarão ou não de alguma coisa, de algum estado...

Ou seja:

– Fazer uma carta de suspense, um carta macabra, enlouquecer alguém, é isso o que ‘você’ está querendo?

(Poderia(m) me perguntar).

Sabe que a princípio, não?

Falando sério!

Queria mesmo, MESMO...

...Era contar com algum ‘povoado’ na escuta.

⁵ ORLANDI, L. B. L. *Notas de orientação*. 2003.

⁶ Também dá para questionar se só restava, a essa última frase, ser construída com tamanha bipartição.

Ah...e não se incomodem muito se na ‘carta’ continuar existindo a palavra ‘Lya’, ‘eu’... ou conjugações na primeira pessoa. Não são problemas tão certos assim. Mais interessante do que ir eliminando palavras do vocabulário em uso, pode ser insuflá-las de labirintizações, sutilezas enigmáticas e inquietações.

Agora, porém, havemos de encontrar um corredor-problema que já atravessou essa carta por alguns momentos:

No meio acadêmico necessita-se de justificativas.

Chegando mais perto do que virá a ser nosso trajeto de pesquisa e levando em conta seu espaço de produção, um ponto vem a ser de extrema importância: por que nos servimos de uma faceta da arte ao se falar de ‘clínica’?

Um dos ‘apoios’ que podemos aqui antecipar é a noção de que há um modo de pensar a clínica que não quer reduzir à psicologia do autor ou do consumidor. É uma clínica que pode se encontrar com qualquer disciplina, contanto que esta dê um passo em direção à processualidade que aqui é privilegiada – na qual um plano de corpo-pensamento se expande, capta forças e as torna sensíveis, afirma a presentificação de acontecimentos, bem como a tormenta que é ver-se em territórios desfeitos, ou seja, um corpo-pensamento lançado a rever-se em novas e outras relações e dimensões.

A essa exigência primeira, segue uma outra, por um modo de pensar a clínica que leve em conta aquilo que pulsa entre virtualizações e atualizações, intensidades que não se reduzem a sentimentos pessoais; um modo que, para pensar e repensar a subjetividade, leve em conta a proliferação de afectos e perceptos. Vale dizer, de novos modos de sentir e novos modos de perceber, o que é poderoso do ponto de vista dos processos de subjetivação.

Uma clínica, sabemos, varia conforme nela se mobilizam artes. Movimentos estéticos. São saídas; são mergulhos em linhas implexas. Criação de saídas para a vida... Desbloqueios, podemos dizer.

A vertente que nos interessa aqui é um rastrear sobre o quanto, em algumas de suas obras, se joga com a criação de saídas para a vida, e não de saídas-soluções. Seriam quase delineamentos labirínticos, o que tal rastreamento visa. Saídas menores, delicadezas, quando é por escorregões e por esforço nas sutilezas e problematizações que, na vida-labiríntica, muda-se de plano, escapa-se a outras tramas.

Enfim, contarei com algumas das tuas obras – fragmentos, tramas nelas contidos. Nos primeiros capítulos, vamos apresentá-las ao leitor, que tal? Apresentar além dos títulos dos livros, é óbvio – que são os seguintes: *Exílio*⁷ e *O Ponto Cego*⁸.

Para encarar essa apresentação, que virá mais a frente, dois avisos.

Respeitaremos, muitas vezes, a extensão de alguns fragmentos. Serão citações prolongadas, já que queremos, sem fantasmáticas no curso das coisas, revelar um procedimento que opera construtivamente na obra; deixar objetivamente provas disso.

Por outro lado, até na fase inicial da mostra, não haverá somente uma espécie de descrição dessas obras. Cabe nossa interferência em certos pontos, pois nos interessa acompanhar um procedimento (componente da literariedade desta escrita) que percorre todas essas tramas e montagens, mas que não é explicado a partir de uma só, e tampouco se revela a partir da pura e simples exposição das obras.

Vamos ao encontro daquilo que move as palavras, vamos aos próprios movimentos, às modulações afetivas e perceptivas. Queremos ir às camadas intensivas da expressão, ali onde já não sabemos muito bem o que nos vem da obra ou do nosso modo de circular por ela.

Com isso, ‘Lya’, colocaremos tudo o que temos a serviço da procura, ‘nesse objeto’, daquilo que contrai mais a potência de intensificação. Também da procura de como, sem que percebamos de antemão, a clínica se insufla de idéias aí agitadas.

Ah... do Núcleo de Subjetividade, vem uma estranhíssima autorização. Ir aprendendo, mais ainda, preendendo idéias e parcerias, conceitos e vibrações, justamente ao não excluir o que em nós pedia passagem... Expressão, existência. Não excluir o que pedia tudo isso, mas que não mais cabia em determinados moldes... Só que nem por isso queria se deixar entorpecer ou morrer... Insistia por ali, sabe?

Insistia justamente nos incômodos, nos estranhamentos e problematizações do que, mais tarde, cada um chamaria de ‘sua’ escrita. Antes disso, porém, nas ‘desformatações’ as mais diversas. Abismos. Sumiço de alguns, retorno de alguns desses alguns. Reencontro com lampejos de

⁷ LUFT, L. *Exílio*. São Paulo: Siciliano, 1991, 5 edição (1^a edição: 1988).

⁸ LUFT, L. *O Ponto Cego*. São Paulo: Mandarim, 1999.

entendimento. Alegria, angústia; angústia, alegria... vertigens e deslumbres... E depois mais tramas conceituais... Tudo ali, incrivelmente misturado.

P.S: E o mais esquisito: os alunos adoravam as aulas.

Era como ser autorizado a viver... E a criar – a compor – com isso. Então, de um desassossego estético para a clínica, pensar trâmites vislumbrados, juntamente com aquelas suas obras foi o percurso escolhido, ao invés dos discursos clínicos diretos. Vamos ver no que dá.

É como se eu dissesse assim: quero criar condições para o ângulo de incidência da arte – das composições literárias neste momento privilegiadas – e de uma clínica a vivenciar e a reinventar sempre que existir insistência em reciprocidade de aberturas. Quero tentar elaborar, a partir do contato direto com o objeto estético, indagações que devem operar na clínica⁹.

Passamos sempre por aquele momento básico em que nos perguntamos: Mas como? Como trazer essa proposta para a dissertação? Como colocar isso ao leitor? Que estratégias usar? Como se ‘recorta’ a obra de alguém (Já que é impossível eleger tudo por questões práticas)? Que critérios usar para que esses recortes não se façam por reduções pessoais, por escolhas puramente subjetivas, por sentimentos de um “eu” que diz: “Gostei deste fragmento. Não gostei deste.”

Com que apoios, com que ética se faz isso?

Queria mostrar, ‘Lya’, uma conversa de Orientação.

Na verdade, trago mais as falas do orientador, pois na época (nesse dia então, nem se fala...), era ele quem dizia as coisas com propriedade. Eu, um susto pré-histórico estampado na cara. Ensaiava até certos trejeitos típicos dos que começam a entender um assunto, embora isso só tenha começado mesmo a acontecer um bom tempo depois.

Ele havia topado embarcar junto, lido com atenção o projeto de pesquisa e as ‘viagens’ propostas, trazido, já há algum tempo e também neste dia, as mais diversas referências para leituras e estudo – compondo quase que uma dança com esses componentes todos.

É. Aquela conversa facilmente se transfigurava numa dança ludicamente densa. Mas, por muito

⁹ A clínica é o lugar dessas indagações devido à relação da arte com a vida, com a clínica. Para nós, mais diretamente da literatura. Nessa especificidade, Deleuze desenvolve amplamente tais idéias em “A literatura e a Vida”. In: *Crítica*

tempo ainda, persistiu na memória a ausência do alcance. Alcance de entendimento, de se saber o que seria feito dali para frente e, sobretudo, a memória do esquecimento. Involuntário. Quase angustiante, porque me esforçava em sentido contrário.

O que fazer com aquelas densas relações ‘na’ pesquisa e quanto aos ‘passos’ presentes e futuros, se você desaprendera a dizer qual era, na verdade, sua questão?

Inúmeras vezes, quando perguntam:

– Ah, no mestrado? Qual é o seu tema?

‘Você’, que minimamente elaborou o que quer fazer, resume a coisa e conta para o outro. Conhece essas situações?

Pois é, ‘Lya’, era essa a capacidade que sumira... Em mim, que há pouco havia proposto ‘viagens’, que acabara de ver o orientador embarcando na trama, numa boa. Ao menos, vislumbrava alguns trajetos que a embarcação poderia fazer naquela viagem sugerida anteriormente.

Ou seja, ninguém ali destruia a proposta de viagem... Porém, eu não a via mais. Tudo terrivelmente estranho. A essa altura, quem pedia uma chance de embarque era eu: de onde, essa alegria? Como entrar nessa densidade de dança? Como embarcar nessa celebração das relações sem que eu saiba onde está a embarcação, para onde ela vai e por qual traçado?

Todas essas problematizações aconteciam ali, naquela orientação. Elas, silenciosas. Outras coisas eram conversadas em tom audível. Eu, criando coragem pra mostrar o abismo insistente. Ele, dançando por entre idéias e intensidades. Eu, esperando uma troca de passo, um ritmo certo... para dizer o fosso e o descompasso naquilo tudo. Para acenar algo como:

“ – Nossa! A celebração, o diálogo, tô achando tudo ótimo! E você? Também achando? ...tudo ótimo? ...

- Só que morri há uma hora.

- Você não quer dar uma passadinha amanhã no velório, não? Só pra fazer companhia a nossos amigos!”

Se ele não tivesse então nenhuma Defesa de Tese para comparecer, ele ia. Enfim, que ninguém morreu, é óbvio; também não se surtou tanto assim. Além do que, ainda existiria muito humor, mas muito, muito esforço pela frente... E muita cumplicidade em dissonâncias. Isso, porém, entendi depois; aos poucos.

Antes veio, naquela mesma orientação (“des-orientação”, como ele costuma chamar), o gesto-convite para se ‘arranjarem’ na dança, por mais irrefutável que fosse a labirintização da tal coreografia. Além do mais, era mesmo muito chato ter morrido àquela altura do jogo (*Morrido*, digo, como *desistido*...).

Inclusive (você nem acredita), por meio da dança, no ouvido um sussurro insistia:

“...Deixe de drama, vai?”

E a dança, nossa! Mudara. Não eram mais sujeitos, objetos, idéias como objeto de pesquisa, o orientador e a orientanda quem dançavam. Era a dança das forças acontecendo,

movimentos que corporificam a própria vida acontecendo: zona de cruzamento e um corpo dispara, atravessa o vazio, cai, levanta, lança-se na busca de um lugar, de alguém de uma mão. Um corpo pára, se solta, duplica-se, agoniza. A velocidade e a violência das forças é lentificada, mas as intensidades ressoam e pedem passagem. É o próprio desejo. Agonística de movimentos sem um roteiro pré-definido. Não é alguém dançando, é o funcionamento da própria vida. Gestos que anunciam um grito, um choro, buscam um lugar, um sossego e não encontram. Os gestos abrem-se. O apoio: as próprias forças em ebólition. Uma solidão povoada de elementos humanos e não humanos.¹⁰

A experimentação vital avança por entre tais elementos, por seções textuais – literárias ou teóricas – e intensificações da subjetividade.

Não se preocupe, ‘Lya’, se não ficar tudo claro e compreendido. A gente vai perambulando por essa dissertaçāo... Em algum momento, um entendimento te fecha; uma relação de percurso se assoma mais vibrante que agora – já que ainda não percorremos nossa senda maior. Ou então, caso

¹⁰ CHILLEMI, Margaret Maria. *Tirando a poeira da palavra amor: experimentações no cinema e na clínica*. São Paulo: Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC. 2003. p. 167 (Tese de Doutorado).

contrário, a gente pergunta, desacelera o passo, volta algumas páginas, pesquisa nas leituras recomendadas – ao longo dos meses de estudo – por professores e colegas, tenta ver aquilo atravessando outras coisas ou, ardente... espera o dia em que a BANCA EXAMINADORA discorrerá sobre aquilo...IMPLACÁVEL, irá querer o entendimento e as respostas para quaisquer indagações.

Resumindo o que dizia ele, temos os seguintes pontos, dos quais alguns estão a ser experimentados, tendo em vista os impulsos da dissertação:

1. Nossa problema é que fomos atraídos [você dirá: fui atraída] a um enorme perigo: o de levar fragmentos literários a um jogo difícil. Explícita ou implicitamente, participam desse jogo algumas idéias e aquilo que poderíamos chamar de intensificações da subjetividade. Por que é um perigo? Porque cada um desses ângulos de tensões (este ou aquele fragmento em prosa, esta ou aquela idéia, e este ou aquele estado subjetivo) é suficientemente forte para reduzir os dois outros a si, com o que o próprio jogo perderia seu atrativo.

2. Com qual apoio estarei contando para me deixar levar pela atração por esse jogo tripartite? Encontro um apoio paradoxal, não precisamente num ponto, mas em indefinidos contornos da disponibilidade dos meus próprios labirintos subjetivos. Digo que encontro um apoio escorregadio ou nômade nesses meus labirintos, porque eles, em vez de se imporem como juízes desse jogo, parecem ganhar um mínimo de consistência justamente quando construções dessa literata e idéias levam-nos a novos afecções e perceptos, a novos modos de sentir e perceber. Com esse apoio viageiro, meu esforço será para me deixar contaminar por modalizações que ondulam nesse lugar de ângulos pulsantes.

3. Como exprimir essas modalizações, sem deixar que minha própria atração por esses ângulos recaia numa linguagem especular, seja por mimetismo da instância poética, seja por repetição formal de conceitos, seja por confissões psicologistas? Como resolverei, positivamente, esse inevitável problema de expressão? Não há, penso, um método seguro para isso, pois o que se encontram, geralmente, são métodos distintos destinados a cada um dos ângulos apontados¹¹.

¹¹ É certamente útil ler um poema levando em conta descobertas historicamente importantes no campo da Poética. Há, por exemplo, o exposto nos textos de Brik (“Ritmo e sintaxe”) ou de Tomachevski (“Sobre o verso”), escritos na década de 1920 e publicados numa coletânea dos “formalistas russos”, denominada *Teoria da literatura* (Porto Alegre: Globo, 1973, pp. 131-53), assim como é útil examinar a maneira pela qual Deleuze e Guattari levam seus conceitos a explorar escritos de Kafka (v. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka – por uma literatura menor*. Trad.: Julio Castaño Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977), sem falarmos na utilidade dos mais variados ensaios psicológicos interessados em questões relativas ao campo dos processos de subjetivação.

Podemos buscar, nos mais variados pontos, auxílios de fato preciosos para nossa tentativa de exprimir modalizações de um jogo que não queremos calar; mas, seja qual for o recurso aplicado, esses **intercessores** deverão ser mobilizados em função do seguinte **critério**: **usá-los sempre e toda vez que eles contribuírem para a repetição diferencial desse jogo de modalizações que se efetuam entre ângulos mutuamente irredutíveis**.

4. É visível como esse critério impõe uma pergunta de difícil resposta: **o que**, precisamente, para além de nós mesmos, **se repete** numa repetição diferencial? Sabemos que muitas palavras se repetem num conjunto de poemas ou num conjunto de frases em prosa. Do ponto de vista de uma **análise empírica**, temos aí uma **repetição extensiva** daquilo que poderemos chamar de **pontos extensivos**: por exemplo, a repetição da palavra “eu”, seja como “eu”, “me”, “mim” etc. Observando as repetições extensivas, as reincidências de pontos extensivos, poderemos arrolar séries ou **linhas extensivas** (que podem ir desde as mais **duras** até as mais **flexíveis**): são extensivas, portanto, as séries ou linhas formadas entre diferentes pontos extensivos. Há todo um conjunto de movimentos relativos, de **movimentos extensivos** entre esses pontos e linhas. Uma análise empírica, portanto, deve estar atenta não apenas à **pontualidade**, como também à **linearidade** dos movimentos da repetição extensiva.

5. Há ainda uma outra repetição diferencial, sem a qual não somos tomados pelo jogo das modalizações. Trata-se, agora, de uma **repetição intensiva**. O que, precisamente, e para além de nós mesmos, se repete numa tal repetição? Repete-se um **dispar virtualizante**, uma **diferença intensiva**, um **intensificador**; repete-se o que Deleuze e Guattari chamam de **diferença diferenciante**, repete-se um **conector**, dizem eles no estudo sobre Kafka, repete-se um **objeto = x**, uma **fluência nomádica**, repete-se o que não pára de fugir de sua própria identidade, repete-se o **transversalizante**, aquilo que transversaliza a extensibilidade de pontos e linhas sedentários detalhados pela análise empírica. Repete-se aquilo que, em Diferença e repetição, Deleuze chamava de **precursor sombrio**, que insufla ressonância entre as séries, que as coloca em comunicação, que leva seus movimentos relativos a um **movimento absoluto** etc.

6. O que importa, na perspectiva deste trabalho, é descobrir como ter acesso a essa **fluência transversalizante**. Quando o jogo nos pega, é porque já estamos contraindo, já estamos contemplando por contração intensiva o que se agita como intersecção entre a atualidade das marcas empíricas e a virtualidade daquilo que as atravessa, mas que nelas não se esgota; já estamos envolvidos com uma **preensão transcendental** que, em nós, vibra como um arco voltaico

entre a intensificação do sensível e a ativação de um pensar impessoal destinado a buscar, a perguntar pelos **vetores de intensificação**, pelas **linhas de fuga**, pelas **linhas intensivas** que transversalizam pontos extensivos e linhas extensivas. Esses vetores ou linhas de intensificação não são manifestações de algo oculto, de um mero ausente que revelaríamos com a ajuda de nossos poderes, tais como sentimentos ou impressões pessoais, recordações, imaginações, interpretações ou explicações. Há imanência entre eles e aquilo que eles atravessam. Ora, como, na leitura de um fragmento literário, por exemplo, também nós somos intensificados, atravessados por intensificações, é quase inevitável a tentação de colocarmos, no lugar das linhas intensivas, o efeito de um desses nossos poderes. Certamente, os vetores de intensificação reverberam, acordam e criam esses poderes, mas a rigor não podem substituí-los ou submetê-los a si. Resumindo nossa dificuldade: na imanência de alguns dos nossos encontros com algo, uma **potência de intensificação** transpassa seus componentes e a nós mesmos, mas, embora não seja transcendente a eles ou a nós, não se reduz à composição empírica deste ou daquele componente objetivo e tampouco ao efeito deste ou daquele poder subjetivo. Não se trata de eliminar essa dificuldade, mas de desenvolvê-la como experimentação daquilo que, em reiterados encontros, pulsa como potência de intensificação. Em que consiste essa experimentação? Ela consiste em rastrear tanto aquilo pelo qual passa a potência de intensificação quanto aquilo no qual essa potência encontra-se singularmente contraída em cada encontro. Há, pelo menos, duas vertentes experimentais: rastrear esse **aquilo** ao longo de pontos de vista que se distribuem entre poderes subjetivos, o que redundaria, provavelmente, numa retenção antropocêntrica dos encontros; e/ou rastrear esse **aquilo** entre componentes do outro lado do encontro, de modo que os poderes subjetivos circulem por um perspectivismo irredutível a pontos de vista do sujeito.

Perceba, ‘Lya’, que não tomarei essas palavras como um guia metodológico. Não se trata de um método, mas de uma estratégia visando a um bom encontro com seus textos; na verdade, o melhor encontro possível, um encontro em que suas palavras jogarão com Idéias (sim, o I aqui, mesmo no meio da frase e em substantivo na forma do plural, será maiúsculo)¹² e com nuances que ocorram em meus próprios estados subjetivos por força desse mesmo encontro, melhor dizendo, por força de estados de navegações, encantos e naufrágios implexos nessa zona de encontro.

¹² “Cada escritor é obrigado a fabricar para si sua língua... . Dir-se-ia que a língua é tomada por um delírio que a faz precisamente sair de seus próprios sulcos. Quanto ao terceiro aspecto, provém do fato de que um língua estrangeira não é escavada na própria língua sem que toda a linguagem por seu turno sofra uma reviravolta, seja levada a um limite, a um fora ou um avesso que consiste em Visões e Audições que já não pertencem a língua alguma. Essas visões não são fantasmas, mas verdadeiras Idéias que o escritor vê e ouve nos interstícios da linguagem, nos desvios de linguagem. Não são interrupções do processo, mas paragens que fazem parte, como uma eternidade que só pode ser revelada no devir, um paisagem que só aparece no movimento. Elas não estão fora da linguagem, elas são o seu fora. O escritor como vidente e ouvidor, finalidade da literatura: é a passagem da vida na linguagem que constitui as Idéias”. DELEUZE, Gilles. “A literatura e a vida”, in: *Crítica e Clínica*. Trad.: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997, pp. 15-16.

Vamos ver...

De todo o percurso pela obra, a modalidade existencial dos personagens que aqui ficam apresenta qualquer coisa de incômodo; apresenta uma frágil vontade de movência... ali perde força... é deglutiida; apresenta qualquer coisa da irredutível ‘trava’ de um andamento que poderíamos entender como atravessado e construído por uma ‘grande saúde’.

O convívio com figuras assim em nossa zona de experiência intrigá; estranha. É algo que não se deseja na clínica que aqui tanto se deseja, embora aconteça. E acontecerá diversas vezes numa vida que se quer real, matéria e afetiva.

Esses personagens se lançam a um charme que naufraga, a uma variação atmosférica que, por vezes, se deixa extinguir. Acontecem-lhes situações das quais não conseguem preender algo que transpasse a “fotografia das forças reativas da vontade”.¹³

Deixam-se apoderar por um combate, embora tal engendramento pareça. Um “suave comportamento de abertura intensiva” existe, mas é posto em xeque no momento em que “há ali um recuo no mergulho mesmo”.¹⁴

O que te atiça o pensamento é a força que está te atacando e que te leva a ‘saídas’ – inclusive a partir de uma malha no imaginário, mas uma força que te ataca e que dali te mergulha em outros mundos. Não é interessante compor com recuos apaziguadores; não quando se trata do que se configurava como abertura intensiva. Não é isso que te obriga a pensar e a mudar, etc...etc. Entendeu, Patty? É em relação a isso que eu fico puto. Ora, o intensivo tem que ter a força do fora. Ele bambeia tua vida. Senão ele não é ainda.

Orlandi – em uma desorientação...

¹³ SANTOS, Roberto Corrêa dos. “Estados e Comandos”, in: *Tais Superfícies*. Rio de Janeiro: Otti Editor, 1998, pp. 53-58. Neste artigo, o autor aborda algumas obras de Lya Luft. Salienta, na literatura de ficção da autora, as inevitabilidades e o percurso nas zonas caladas da vida mental – onde, por estratégia, as doenças deixam-se ver e mostram-se as tramas e sua genealogia. Compõem matéria para esta dissertação, outros livros que não os que tal autor elege em seu artigo; mas há ressonância de idéias e arquiteturas de acontecimento entre tais obras.

¹⁴ ORLANDI, Luiz B.L. Notas de orientação. 2005.

Será isso o que se passa com ‘seus’ personagens, ‘Lya’? Isso que ainda não é, que quase bambeia pr’á valer, mas ainda não é? Que dizer dos recuos no momento em que um certo mundo pulsava a ponto de ‘nos’ lançar ao suave charme de uma permeabilidade intensiva? Como conceber um ‘viver’ que não se pôde experimentar, uma saúde que não teve como vingar?¹⁵

Como entender aqueles que parecem como prenunciadores, não de algo trágico ou nobre.... mas de uma “quase” transpassagem? Quando me lancei a esse estudo, ‘Lya’, fui jogada a um paradoxo que eu pensava não ser possível de... Não saberei terminar essa frase naufragada. Como se dizia na proposta inicial deste trabalho, “a vertente que nos interessa” implica “rastrear o que ... joga com a criação de saídas para a vida”.

Não era isso?

.....

Dá-se o facto ainda de não o poder explicar...

¹⁵ Nota da Carta: Mas esses personagens, nossa! Eles se estrangulam pra tentar entender o que se passa. Isso tem lá seu encanto e sua luta. Eles, a princípio... não iam assim – desistindo de um possível viver a ser experimentado – não. Veremos, mais à frente, como convocam, com freqüência, pensamentos como: “*Se descubro o lance perverso da jogada, quem sabe eu consigo sobreviver.*”

Ou: “(...) o tempo passa, e às vezes parece muito conseguir sobreviver até o fim do dia. Digo a mim mesma o que disse tantas vezes às mulheres de grandes ventres distendidos a quem ajudava a parir: – Agüente mais um pouco, um pouco só.

Então, sobrevivo a mais um dia de espera, e dor (...) Tudo arma um cipoal no qual me enredo. Onde a energia de antes, (...) a vontade de viver, a alegria de fazer nascer?

(...) *As lágrimas correm livres; estou sensível como alguém a quem tivessem arrancado a pele, tudo dói imensamente. (...) De repente, uma carícia áspera no meu braço. (...) – Agüente mais um pouco – ele diz. – Só mais um pouco.*” A primeira citação encontra-se em *As Parceiras* (1980); é novamente citada em *O Ponto Cego* (1999). Personagens de ambos os livros se entrecruzam, dialogam etc. A segunda parte é de *Exílio*. O desdobramento desses livros se dará no capítulo seguinte.

– *Naufrágios? Não, nunca tive nenhum. Mas tenho a impressão de que todas as minhas viagens naufraguei, estando a minha salvação escondida em inconsciências intervalantes.*

– *Sonhos vagos, luzes confusas, paisagens perplexas – eis o que me resta na alma de tanto que viajei.*

Tenho a impressão de que conheci horas de todas as cores, amores de todos os sabores, ânsias de todos os tamanhos. Desmedi-me pela vida fora e nunca me bastei nem me sonhei bastando-me.

– *Preciso explicar-lhe que viajei realmente. Mas tudo me sabe a constar-me que viajei, mas não vivi. Levei de um lado para o outro, de norte para sul... de leste para oeste, o cansaço de ter tido um passado, o tédio de viver um presente, e o desassossego de ter que ter um futuro. Mas tanto me esforço que fico todo no presente, matando dentro de mim o passado e o futuro.*

– *Passeei pelas margens dos rios cujo nome me encontrei ignorando.*

(...) Cheguei a ter às vezes a dúvida se não continuava sentado à mesa da nossa casa antiga, imóvel e deslumbrado por sonho! Não lhe posso afirmar que isso não aconteça, que eu não esteja lá agora ainda, que tudo isto, incluindo esta conversa consigo, não seja falso e suposto. O senhor quem é? Dá-se o facto ainda de não o poder explicar...

Fernando Pessoa, “Viagem nunca feita?”¹⁶

¹⁶ PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. Org.: Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 482-483 (grifo meu).

II – Corpo – no meio do jogo

Delineamentos de uma escrita

***Exílio*¹⁷**

Uma nova esperança traz a protagonista a uma nova cidade. Da cidade, não nos é dado nome, nem detalhes quanto à localização geográfica; da nova esperança, sim. Ela espera que sua vida se resolva – via Antônio, a *tábua de salvação*.

Na cidade anterior, um “divorciar-se” da antiga casa, antigo marido, respectivos amantes de ambos e o tensionamento em relação isso, e da profissão bem-sucedida. Colocou tudo em suspensão provisória, assim como a idéia de, todos os dias, ter por perto o filho Lucas, de seis anos.

Na cidade nova, uma idéia de amor. Antônio. *Antes, força e febre. Agora, mais do que êxtase, tormento.* Tormento por diferentes facetas. Das que sobressaem no início da trama, o tormento da espera - só até que se instale na *Casa de Antônio*: *Fico impaciente, quero estar com ele, morar na sua casa, levar uma vida normal, trazer meu filho. Amarei o filho de Antônio... serei generosa, serei eficiente, e boa (...).*

Embora a falta de estranhamento em relação a estes últimos propósitos não dure muito, durante esse tempo ela ouve e se apoia em lógicas do tipo: *daqui a pouco vou estar com ele, exausta e nua e, quem sabe, uma vez mais, feliz.* Após encontros assim, ainda em quartos de hotel, *Antônio dorme ao lado. Depois do amor ficou ainda longo tempo me acariciando e fazendo projetos.* *Apesar de tudo*, diz ele: *acredite, comigo você terá uma felicidade deslumbrante; porque eu a amo tanto.* Nesta noite, por exemplo, ele descansa e dorme, o *braço passado ao meu redor. Ele me conforta. Sabe o que preciso fazer para consertar minha vida, reconquistar meu filho, reassumir minha profissão. Mas a verdade é que tenho poucos, e breves, entusiasmos. Fico acordada quieta, medo de perturbar seu sono, não quero que me veja chorando mais uma vez..*

Tem agora início uma outra faceta do tormento. *Antônio me abraça, me acarinha, o que me deixa animada. Mas nada parece suficiente para tapar esse escancarado vazio que me ameaça, nem eu sei direito por quê.*

Além dessa sensação, outras angústias se fazem sentir, pois trazer o Lucas para a nova cidade não passa de um desejo só dela. Ele quer a mãe, mas quer também o pai, o cachorrinho, seu quarto -

¹⁷ LUFT, Lya. *Exílio*. São Paulo: Siciliano, 1991, 5 edição. 201 pgs. (Publicação inicial: 1988). Toda a narração e as citações literárias deste capítulo giram em torno deste livro.

que é lá mesmo na outra cidade -, a escolinha, o lanche, um brinquedo novo. Nesta passagem, a personagem diz que *Lucas não era peça numa engrenagem lubrificada; e quando comecei a falar em morarmos fora da casa do pai, ele simplesmente não quis. Por mais que eu tentasse convencê-lo, lidava com uma lógica de ferro, e de sua cabecinha de menino feliz: queria o mundo sólido, pai e mãe unidos, a casa intacta. Tudo o que ameaçasse essa ordem era olhado como um mal incompreensível, e inadmissível. Fui perdendo terreno, e me desesperei.*

Seu desespero, impregnado de descrédito, evidencia que estão se desfazendo não só um terreno, mas também engrenagens existenciais ressecadas e ressentidas. Tecer composições vitais torna-se difícil num quadro de irritabilidades e estafa.

Para ela, não há tempo para experimentação propriamente dita, com o que ou com quem for. As coisas se dão ou se resolvem por efeito de sufoco. São restrições de ar, perigosas, inclusive, pois assombrosamente se transformam em carência, vontade de consolo, vontade de não perder território, de não perder mais nada, vontade de conforto e de um ‘Antônio’-consertador-de-uma-vida-a-ser-possível-e-deslumbrante.

Tive mais uma briga com Marcos, e saí de casa intempestivamente certa de que, longe de mim, meu filho logo quereria estar comigo. Mas Lucas não precisava tanto de mim quanto eu dele; e era mais apegado ao pai do que eu sequer tinha sonhado.

Passei noites e noites torturada lembrando o quanto o negligenciara. Era Marcos quem, com um trabalho menos absorvente, lhe dava banho quando a babá não estava; era Marcos quem lhe contava histórias para dormir; era Marcos quem o levava a passear quando eu estava cansada demais.

Havia laços especiais entre eles: eu ficava de fora.

Existiu um tempo em que esta forma-família se acreditou interessante. Mas é que agora o que há mesmo é um sufoco aumentando, esquemas se saturando, pensamentos se enrijecendo, prévias moradias se esgarçando, um casamento capengando e um pai, uma mãe, alguns de seus amantes e um Lucas agarrando-se a uma ordem que foi parar “sabe Deus” onde.

Mesmo assim, por que, por entre esses fluxos, uma mãe olha, pára tudo e se sente *torturada ou penalizada*? Por quê, se o estranhamento (e até o medo mesmo) transborda em todos eles?... Por quê? Se há um assombro, ele se dá por entre eles e esses verbos todos. Por que um ‘apego’

singular de um filho vira elemento de rivalidade? Por que, em muitas dessas situações, alguém sempre acha que *ficou de fora*, ou está *perdendo território*? Fora de quê? Será que é mesmo ‘uma pessoa’ que perde território em contextos assim?

Num dia em que, como fazia quase diariamente, passara em casa e o levara para um breve passeio de carro, vendo-o tão encolhido junto da janela, não me contive:

- *Filhinho, você tem raiva da mamãe?*

Ele enrijeceu o corpo: um menino agarrado ao ursinho de pelúcia que o pai acabara de lhe dar; olhava para fora do carro; de repente, ainda sem me fitar, disse num grave tom desiludido:

- *Tem mães que moram com os filhos...*

Vários meses vivi assim dilacerada. Os encontros com Lucas eram ruins para ele e para mim. O menino ficava ansioso, eu penalizada devê-lo com sua estranha orfandade. Os encontros com Antônio também andavam ruins: era preciso uma decisão. Quanto tempo viveríamos assim, separados?

De um lado, medo por meu filho; de outro, pânico pelo meu amor. Então decidi vir para cá: outra cidade, certo distanciamento dos velhos problemas, e talvez Lucas, saudoso, afinal mudasse.

Atirei-me nesse mar sombrio.

Hospedei-me nesta Casa Vermelha: poucos dias, seria só uma brevíssima passagem (...).

Enfim, os elementos dessa estória são um rico arsenal de dois contextos em conflito – para as mais diversas interpretações, para os que lhes desejam.

Dois mundos, duas cidades. Na pensão, – provisórríssima – telefonemas e encontros previamente agendados com tais mundos. A protagonista, dilacerada. Seu estado de espírito, por si só, não diz muito. Faz parte do pacote. A série em que ele tem vez é, de certa forma, estanque, pois se deixa formatar por bipartição, por pares dicotômicos de elementos que, inclusive, necessitam um do outro, já que as forças neles mesmos se apaziguam. Essa trama, devido a combinatórias possíveis, pode ‘dar pano para manga’. Ela pode se desenvolver em inacabáveis desfechos, os quais, no entanto, mantêm, integral ou parcialmente, um roteiro afetivo habitual, ou seja, sem qualquer

tremor que não o do enfraquecimento de alguém interminavelmente lançado de um lado a outro.

Por aí, alguns deslocamentos

Essa história se passa sim no livro, mas não é com ela que a trama se inicia e tampouco nela pode se estancar. Faremos sobre *Exílio* outros sobrevôos - rasantes. Porque há um outro tremor por ali, *e com ele nunca se sabe*. Estamos agora sobrevoando as páginas iniciais do primeiro capítulo.

Assim começa:

– *Você está cada vez mais parecida com a Rainha Exilada – grasnou o Anão, sarcástico, empoleirado no meu criado mudo. O abajur escorregara perigosamente para a beira.*

Viro-me para escorraçá-lo do quarto; finjo coçar o rosto, enxugo a lágrima. Ele incomoda, confronta; faz o que pode. Quem sabe ele tem razão? (...) é possível que ande com aquele seu ar sonâmbulo. Ela parecia isolada de tudo, como os secretos mundos dentro daqueles pesos de papel, cápsulas de vidro, que meu pai colecionava. Precariamente ligada ao cotidiano. Na realidade, não estava conosco: vagava num outro reino, andando a esmo pela casa, copo na mão.

– *Não chateia – digo, exasperada com minha própria fraqueza.*

Mas ele nem está mais olhando. (...) Quando eu me virar, é possível que tenha partido; ou esteja enrodilhado junto do pé da minha cama, feito um gato. Dorme ou me espreita: com ele nunca se sabe.

Nem se percebe quando vai ou vem: está sempre por aí. Companheiro de infância, engracado e sinistro, que perdi por tantos anos e vim reencontrar na Casa Vermelha.

Uma moradia bem pouco familiar. Os modos de contágio ali procedem por força das circunstâncias, acasos e sufocos, e também por força de acontecimentos. De qualquer forma, qual é o sentido de uma dessas zonas – de contágio possível – quando as esbarradas se dão a contragosto?

(...) Apenas uma das árvores, mais clara que as outras, tocada por um sopro de vento. O resto, uma paisagem de vidro.

- *Tenho sentido dores – expliquei contrariada à Moça Morena, na hora do jantar, quando ela me viu levar a mão ao estômago e fazer uma careta involuntária. Me olhou, interrogativa:*

- *Úlcera, minha filha – sentenciou, e seu olhar parecia grave. Neguei, balançando a cabeça: não era nada, quem sabe tinha comido alguma coisa.*

Ela concordou:

- *Do jeito que a comida anda por aqui ainda...*

A Moça Morena é tão vigorosa quanto sua companheira Loura é apagada.

Ambas, professoras em outra cidade, *estão de licença*. Diz a protagonista e narradora: *Não vejo graça em passar férias neste local isolado e seio*. Preserva-se como pode. Desqualifica tudo o que se presentifica como algo *longe das copas do sonho*. *Isso foi nos primeiros tempos, logo que cheguei decidida a não travar amizade com ninguém, porque minha passagem nessa casa seria breve*.

No refeitório as conversas se davam, antes, de uma mesa a outra. *Mas as moças eram singulares: alguma coisa nelas me intrigava (...)* Na verdade, das duas quase só a Morena falava: a Loura parecia mal conseguir manter-se ereta na cadeira. Cor terrosa, narinas afiladas, corpo mirrado (...).

Com sua chegada à Casa Vermelha, a mulher começa a olhar um pouco mais, ao menos para outras mesas, outros quartos, outros cômodos, tramas e problemáticas. Também é percorrida por um olhar clínico-médico – desses de quem já teve uma vida de sucesso dentro de hospitais. Deixa-se interessar, enfim, por modos diversos, a princípio pelas moças.

Uma, forte, passo de soldado, apetite saudável, grandes seios; a outra, um passarinho molhado, rói torradas e beberica chá. No olhar a expressão de quem está alerta para aquele chamado (...). Quantas vezes eu vira essa expressão em camas de hospital?

Naquele dia pensei: ter úlcera era só o que me faltava agora. Para disfarçar o alarme, fui formando desenhos com migalhas de pão na toalha.

As mínimas intervenções a desconcertam. As visões e o que se pode ver, as audições e o que se pode escutar, os cheiros e o que se pode cheirar. Os instantes percebidos já não prolongam decisões conscientes ou uma lógica de encadeamento entre ação e reação. É assim com o cheiro

daquela a quem, ora cínico ora admirado, o Anão chamava: rainha. (...) o cheiro dela parece deslocado nessa pensão... O pânico disparando nos meus labirintos com sua cauda interminável.

Vim à janela ver que pessoa ou flor exalava esse conhecido aroma, mas só o vazio e o silêncio andam no beco. E o doce odor da dissolução que vem do solo úmido, das folhas podres, dos vermes.

Um dos pesos de papel de meu pai continha um minúsculo arvoredo imóvel. A gente agitava um pouco, e de repente tudo começava a ondular como um bosque submerso tangido por correntes invisíveis.

As coisas continuam em andamento nos órgãos de si, e também não deixam de lado sua processualidade, mesmo que esta insista em se mostrar na “falta de coesão” de tais órgãos com uma certa vida ou saúde a ser vivida.

Em outra faceta, a memória continua invadindo e aflige a personagem. Como ela mesma diz: *O cascalho do tempo escoa na memória: (...) não quero dormir: preciso ficar lúcida, para desatar o nó (...) emperrado e complexo. (...) a solidão me pesa muito mais agora. Tive perdas demasiadas, estou de raízes expostas e barriga aberta.*

Há complexidades que se movimentam e outras que emperram. “Barriga aberta”, “raízes expostas”... Ela fala de si, mas esse pensamento irrompe em virtude do que se passa nessa “moradia” atual. Conversas, vendavais, bombeiros, bramidos, uma árvore que despenca junto a Casa, trabalho e esforço investido para serrar, aos poucos, esse tronco, suas raízes, e levar aquilo que, se caísse diretamente no telhado da casa, também operaria travas.

– *Se tivesse caído em cima de nós... –* conversavam no dia seguinte. Conversavam. Articulavam-se. Tudo precário... mas em movimento. *O Anão deixou a porta aberta; sempre faz isso; também deixa abertas minhas gavetas e armários, onde costuma se meter; e deixa frases pela metade, mania que me leva à exasperação.*

Que mundo o desta Casa. Deve ter sido luxuosa: hoje abriga naufragos que aportaram aqui. Não se sabe como e de onde; e para quê. Formamos uma fauna e tanto (...).

A casa pertence a uma mulher que nunca aparece. Todos a chamam de Madame: reside no centro da cidade e pouco liga para o lugar. Ao contrário desta fauna, cuja convivibilidade acirra nexos e

desmontes. Agora, os habitantes das mesas e quartos permeiam a narrativa e a vida da personagem. Existem, além de hóspedes fixos, *algumas pessoas que só vêm para as refeições como os jovens estudantes (...) animados à mesa*.

O lugar onde a casa se situa também começa a interessar. *O melhor da Casa Vermelha são as paisagens: à frente, a floresta tentacular; atrás, o despenhadeiro bruto, abaixo, a cidade fumacenta; mais além, o mar. Navios.* No entanto, esse ‘melhor’ também pode assustar e se desdobrar além da conta. Por isso, o enfoque na ‘conta’ exata à compreensão habitual novamente se torna preponderante.

Cheguei balançando entre a esperança frenética e o medo sombrio. Uma grande tempestade; Antônio, a tábua de salvação. Encalhei aqui, o tempo passa, e às vezes parece muito conseguir sobreviver até o fim do dia. Digo a mim mesma o que disse tantas vezes às mulheres de grandes ventres distendidos a quem ajudava a parir:

– *Agüente mais um pouco, um pouco só.*

Então, sobrevivo a mais um dia de espera, e dor. (...) Tudoarma um cipoal no qual me enredo. Onde a energia de antes, (...) a vontade de viver, a alegria de fazer nascer?

Se endureceu, deixara de ser frágil durante os anos de formação e exercício de uma profissão firme, ágil e estratégica – a obstetrícia. Fora assim o engendramento preponderante quando o assunto era sua atuação profissional.

É estranho que essa ‘fragilidade’, há tempos esquecida, volte a problematizar: *Onde a energia de antes (?) a vontade de viver (?) a alegria de fazer nascer?* Ela mesma se indaga: *Você não está vivendo um grande amor?*

Tem vez mais um descompasso forte demais para encarar. Quando é que um amor assim encarado tem uma potência real para solucionar um mundo não amputado e pulsante?

Alguém puxa a barra da minha saia. (...) É o Anão, erguendo a cara interrogativa (...). Anda com esse chapeuzinho preto, um chapéu-coco que não combina com este lugar, este clima, esta época.

– *Quantos dias faz que não visita seu belo irmão? (...)*

– Pensei que você finalmente tinha me deixado em paz. Amanhã eu vou. Agora suma.

Ele saiu, gingando; *magoou-se com meu tom rude; estranho, que me inspire também ternura; (...) velho amigo (...).*

– *Anão já nasce velho? – indaguei um dia quando eu ainda era criança e ele me ensinava tantas coisas.*

Extrair *flashes* de delicadeza, quando estamos por demais desencantados, é o que mais nos falta. Chacoalhar num corpo potências inventivas e vibráteis, estar à escuta dos arrastamentos aos quais isso nos levaria. Porém, essas palavras, seja por ausência de rede real, seja por descuidos ou entorpecimentos singulares, correspondem, do ponto de vista de quem se encontra em determinados graus de estafa, somente a um enigma – abstrato e desinteressante. Algo se passa nesses limites que emudecem os jogos verbais; tem vez um entorpecimento das potências de afetar e ser afetado por esse meios.

Encolho-me sobre a colcha, ajeito o travesseiro nas costas... O anão parece cochilar no chão, apoiado na perna de minha cama; enrosca-se como um gato. Sempre no seu terninho preto, grande demais, as bainhas das calças desabando sobre os sapatos rombudos quando caminha. (...) As lágrimas correm livres; estou sensível como alguém a quem tivessem arrancado a pele, tudo dói imensamente. (...) De repente, uma carícia áspera no meu braço. Nem preciso olhar: é a mãozinha disforme do Anão, parado junto de minha cama.

– *Agüente mais um pouco – ele diz. – Só mais um pouco.*

Esta é uma casa singular; é chamada, por alguns moradores do bairro, de Castelinho, embora para a maior parte seja conhecida como Casa Vermelha; pois é esta a cor desbotada de suas paredes, dentro e fora, lascas de tinta saindo por toda parte como pele velha revelando, dentre outras coisas, seu tom alaranjado.

Isolada; quase no fim do beco, a meia altura do morro; ladeiras, poucos carros, casario antigo e essa floresta imponente que na frente da Casa trepa a encosta, atrás desce pelo despenhadeiro em longos troncos muito finos procurando luz; e assim vai até a cidade, que continua no fundo. Bairro de artistas e boêmios, de gente pobre em cortiços espremidos junto a muros que escondem grandes mansões.

De longe, a Casa Vermelha parece um ferimento no morro. Três andares, mais uma torrezinha onde deve morar o Anão. Beiras de madeira caprichosamente recortada, ar mourisco que nada tem a ver com o resto (À noite, a paisagem vista do refeitório e da varanda inclui luzes móveis dos carros, as luzes bruxuleantes das estrelas; no meio delas, os navios.).

Em épocas em que nem *sonhava morar nela*, a personagem visitou a Casa Vermelha: eram raras as vezes, e tinham um propósito breve: visitar o irmão Gabriel; *tudo meio sem sentido (...).* Logo estava de volta à *cidadezinha onde eu ainda pensava ser feliz com meu marido, meu filho, minha clínica. Construiria uma vida estável; (...)* *Eu era quase feliz, embora sabendo que a vida não era só aquilo. (...)* *na verdade, era como numa das esferas de vidro de meu pai: uma sacudida forte desmancharia tudo em neve, redemoinhos (...).*

A modulação de entendimentos de si, da vida e do mundo tem relevo a partir do critério “felicidade”. Qualquer coisa do tipo: só quero é ser feliz. Onde, com quem, quando, com quais contextos é conseguida a garantia deste ideal? Que fazer quando as forças que bambeiam a subjetividade, em tal aposta, acabam por revelar, em certos instantes, *que a vida não era só aquilo?*

Carimbos móveis se intrometem na folha de evolução de uma vida; os laudos já não garantem sua certeza para os povoados, figurações em nós e processos que deles dependem. Desde quando, contudo, essas núpcias com a exploração incerta foram autorizadas? Desde quando graus de redemoinhos e desmanches podem se meter no que era só um peso de vidro – imóvel – para segurar papéis?

Na vida, pois, também aconteceria de as esferas não “segurarem a barra” do que nos acontece?

Na casa da infância, sozinha eu sossegava mais. Brincava com Gabriel, passeava com meu pai. Enfiava-me no quarto ou saía para o jardim com o Anão, que viveu um bom tempo conosco; estranho companheiro com uma inventividade própria que, a um tempo, causava delícias e choques.

Num tempo já distante da infância, os dois se reencontram. *Fiquei surpreendidíssima quando o vi. (...)* *São notáveis esses reencontros, as coincidências.* Na mesma cidade onde espera que (sua) vida se resolva, reencontra o estranho e íntimo – que talvez, mais do que resolução, relembrre uma relação insuflada de enigmas, desconstruções e desbloqueios.

Foi num desses dias em que eu decidira não jantar. Era inútil tentar, naquele dia, extrair de ‘se fechar no quarto’ alguma vivibilidade; não nesta história.

Triste demais, com esforço e até meio sem propósito – senão o esforço em si –, decide ir ao salão de refeições. Escolhe uma pequena mesa onde come sozinha. O salão de refeições é habitualmente penumbroso; à noite, os lustres empoeirados despejam uma luz amarela.

Eu estava mesmo pensando: o que é que estou fazendo neste circo? Quando avistei, ao lado do Enfermeiro, o alto da cabeçona do Anão. Não pude acreditar; devia ser outro, há tanto anão no mundo.

Nessa continuidade de apontamentos, qualquer raciocínio é admitido, com exceção daqueles que trazem algo do pensamento que lança a um campo de surpresas, estranhamentos ou alegrias inespecíficas.

Mas era ele: soergui-me, fingindo apanhar o sal na mesa das Moças, e ele me encarou direto. Nem pareceu surpreso; vai ver, estava ali há dias; só eu, mergulhadas nas minhas confusões, não notara. Fez um aceno com a mãozinha grossa, sorriu... depois sinalizou como quem diz: A gente se fala.

Fiquei tomada de incredulidade, alegria e vago medo.

Foi assim que reencontrei o Anão; que morara em nossa casa quando eu era menina, todo mundo vagamente ignorando sua existência (...). Um dia, embora não me quisessem dizer onde ficava seu quarto, eu, sozinha o encontrei. Foi a descoberta mais esquisita que já fiz..

Assim como os outros e o enfermeiro de Gabriel, o Anão deixa o refeitório. Caminha com passo gingado, *junto de minha mesa sem me olhar.*

– *Como vai a Doutora?*

Ele tinha esse dom de entrar nos lugares sem fazer ruído e me pregar sustos. Eu deveria ter passado a chave na porta; este lugar me inquieta.

– *Vai começar a me amolar outra vez?*

Passados alguns instantes de rearranjo, ela volta a tentar uma expressividade interessada: – *Não é engraçado, a gente se reencontrar aqui?* Ele, distraído. Mantém-se sensível a outros signos, *não quer responder, ou não acha nada engraçado; é como se não houvessem passado anos e anos, como se não tivesse curiosidade de saber o que me acontecera, nem como eu viera parar aqui. Minha vida não interessava: aquele rio da superfície, as correntes subterrâneas forcejando(...).*

O Anão vai até uma prateleira: nela, há volumes médicos da área de Obstetrícia e outros poucos livros de Literatura. Encontravam-se assim dispostos para fingir que sobrava comigo algum resto do ambiente familiar. Deixei em casa de Marcos e Lucas quase tudo o que era meu: vim despojada e despreparada como quem acaba de nascer. Não eram assim as criaturas molhadas que eu arrancava com as mãos, naqueles inumeráveis partos?

Para suportar a mudança de vida, eu alimentara a insensata idéia de que partia sem realmente partir; ideais de que meu filho de seis anos conseguiria me compreender; e que viver com Antônio seria um passe de mágica, imediato e fácil, porque a paixão resloveria tudo.

Mas como convencer um menino mimado, de seis anos, de que sua mãe vai embora, e se quiser ficar com ela terá de renunciar à companhia do pai, dos amigos, ao cachorrinho, ao conforto e abrigo de seu quarto e de seu mundo? Todo o universo falsamente indestrutível de uma pequena família?

Pensar nisso me dói tanto que tenho medo de vomitar. O Anão subiu numa cadeira, parou na ponta dos sapatos cambaios, e agora corre o dedo pelas lombadas dos meu livros. Fala baixo e enrolado o Anão, diz coisas ininteligíveis; depois, pega um grande livro de obstetrícia, que quase nem consegue segurar. Instala-se com ele no colo, sobre a cadeira, e vai folheando, como se eu não existisse. Fico olhando apática a sua ridícula figura, com aquele livrão.

– *Uns retratinhos bem indecentes, não? (...)*

– *Não seja cínico* – responde. – *Isso é Medicina. Vá embora, estou cansada.*

– *E o seu irmão?*

Estar na mesma casa que o irmão e ainda não ter entrado em contato... A distância experimentada não tem a ver com a espacialidade concreta entre os quartos – a concretude do afastamento é outra.

Gabriel emplaca uma aliança sensível com o que fora demarcações intensivas na vida deles dois, mas não teve chance de visar a uma prudência. Fora tragado. Eram muitas vozes, acelerações ou lentidões nesse *a quem a mata que tudo engole devorava* tantas e tantas vezes, como diz a protagonista. Por isso, ir ao encontro de ‘Gabriel’ não parece ser a mais desejável das experiências no momento.

Tenho vontade de que (o Anão) fique ali comigo, diz ela, nessa agitação temporal e afetiva.

O que ele faz da vida, quantos anos tem? Emerge do meu passado, sabe coisas da minha vida, me conhece; me viu na rara alegria e na grande tragédia; sabe da minha solidão (...).

– *Perdi tudo o que tinha – gaguejo. – Viver sem meu filho é como me arrastar por aí com as duas penas amputadas.*

– *Perdeu, não. Deixou! – diz ele cruelmente (...). – Mas apesar de tudo, você tem a sua profissão – conclui, com fingida gravidade.*

– *A profissão que vá à merda! (...) E você também(...)?*

Ele começa a rir. Sacode-se de riso. Depois, continua folheando o meu livro. De vez em quando, balança a cabeça, divertido, volta a rir e murmura baixinho qualquer coisa. É para não ver, não se envolver e não escutar que ela tapa os olhos e a cabeça, deita-se na cama e se enfia embaixo do travesseiro.

Acho que nunca mais conseguirei trabalhar. Eu, que amava minha profissão; sentia estar também parindo aqueles bebês, vendo a vida brotar de sofrimento e sangue, esperança e medo; rodeada de futuras mães com seus ventres distendidos e doces olhos um pouco assustados, eu me sentia forte, e segura.

Nunca mais terei aquelas mãos firmes, aquele jeito autoritário e sereno. Ou, como diz Antônio, quem sabe tudo isso voltará quando eu estiver instalada com ele, aprendendo a fazer o balanço correto entre perdas e ganhos?

Um território amoroso insuflado de cantinelas de clemência e resgate; *uma esperança com cara de tristeza*. Um território que se refere, antes de tudo, *a uma idéia de amor como condição de*

pertencimento, de ter uma identidade, um lugar no mundo; e uma felicidade¹⁸ a ser recauchutada, já que tantos lugares encontram-se em estado movediço e a instauração deste desabamento parece tirar o ar.

Parece dizer: ou você arranja um jeito de me escamotear, ou não haverá nada que te amorteça a dor, a morte, a paixão, a violentação e tantos outros meios e termos que dizem de um caleidoscópio em expansão e luta por mais vida.

É uma estranha transição, na qual a possível aquisição de um certo *plus de virtuosidade*¹⁹, de antemão, já se põe em vias de se sabotar e dá medo, ou quase nojo... Angustia e se confunde com uma tortura; enfim, uma estranha transição, em que demarcações estratégicas e crenças em determinado ideal a ser alcançado movem a busca a um conforto maior e mais certeiro.

Retornemos à voz da protagonista: *A Casa Vermelha carrega em seu bojo roído pelo tempo, habitado de ratos e infectado de angústias, toda uma raça de exilados. Uns isolam-se mais ainda, outros dando valor ao mais banal gesto(...)*

De vez em quando, formamos pequenos grupos na varanda, comentando o tempo, o nevoeiro, a comida ruim. Ou os gatos que têm miado feito doidos nos telhados e não nos deixam dormir.

Atirei-me nesse mar sombrio: Antônio, minha tábua.

Falo coisas vagas; estou separada, vou casar de novo. Meu namorado está reformando a casa, logo vou para lá. Digo isso, e o coração se aperta: irei?

Quando volto pelo refeitório para subir ao quarto, não há mais ninguém lá senão as duas mulheres apaixonadas. Sentam-se na sua mesa vazia, uma diante da outra; sem se tocar nem com as pontas dos dedos; imersas (...) seu amor crepita como fogo de lareira.

Entre engrenagens rançosas e encontros capazes de afetar diferentemente, há um tempo de ‘residir’ nisso que ora é chamado de circo, de Casa Vermelha, de bairro, ora é encarado como exílio, cipoal, mar sombrio, outra cidade...

¹⁸ CHILLEMI, Margaret Maria. *Tirando a poeira da palavra amor: experimentações no cinema e na clínica*. São Paulo: Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC. 2003 (Tese de Doutorado), p. 21.

¹⁹ ROLNIK, Suely; “*Fale com ele*” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. Conferência proferida no simpósio: *A Vida em Tempos de Cólera*, Itaú Cultural, São Paulo, 17 de maio de 2003.

O Anão apareceu em casa de meu pai no dia em que descobri que minha mãe bebia. Pelo menos, nesse dia se apresentou a mim. “Tua mãe é uma pessoa especial”, explicava o pai.

Qualquer um via logo que não era uma mãe como as outras: não se interessava por mim nem por Gabriel, não vigiava nossa saúde, não cuidava de nossa comida, não ria nem ralhava. Falava pouco, distraída. Vivia muito em seu quarto e na sua; só à noite quando estava melhor, desabrochava; arrumava-se toda, saía com meu pai (...).

Eu armara para mim mesma uma série de fantasias em torno dela: era uma espécie de rainha de um país distante, que só condescendera em ser minha venerada mãe com a condição de que não lhe exigissem demais, não a incomodassem (...).

Naquele dia, ela fizera uma cena à mesa, sem razão aparente. Já se entendia que ela não necessitava de razões. Ficara agitada; meu pai se erguera para, docemente como sempre, levá-la dali. O irmão mais novo fazia uma barulheira com o prato, a colher e com o corpo todo, em cima de sua cadeirinha alta. Eu (...) constrangida; triste. Essas crises, embora raras, me perturbavam. (...). Mais tarde, planeja, se esqueira até o quarto da mãe; queria ver se estava lá (...). Bati; ninguém respondeu; entrei, joelhos tremendo.

Uma empregada da casa entrou, estabanada, sem bater; nas mãos, balde e panos; no rosto, mau humor e irritação. Começou a limpar tudo, e minha mãe nem se mexia. A moça repetia, amargurada:

– *Bêbada de novo, essa sua mãe. Pobre do patrão. E coitadinhos de vocês, coitadinhos de vocês.*

Éramos Gabriel e eu os coitadinhos.

Espanto. Saí correndo(...) Ela chora. Eu conhecia bêbados de rua, gente em geral maltrapilha, de quem meu pai me afastava e me aconselhava a fugir. Mas ela(...)?

Eu ainda chorava, deitada na cama, quando escutei pela primeira vez a vozinha cacarejante de meu futuro amigo.

– *Pare com isso, bobona. Deixe sua mãe em paz.*

Levei um grande susto, não tanto por ser tão pequeno, e tão velho, mas por ter entrado sem fazer

ruído, e por saber a razão do meu choro. Com a entrada do anão, vem um sopro de esquecimento e mesmo de outros interesses e nexos. Sentei-me, limpei o rosto; a dor estava esquecida, aquela figurinha me intrigava. Ele sentou-se ao meu lado, trepando na cama com certa dificuldade; ficou olhando, como se me achasse muito boba.

Eu conhecia anões de livros, mas não se vestiam daquele jeito; também não era um anão de circo: esse aí usava roupa preta, séria, um chapeuzinho antiquado, na mesma cor.

– *Você é uma criança velha ou um homem pequeno?*

– *Eu sou só um anão.*

A mobilidade reveste a narrativa, nesta faceta aventureira da infância, da qual são relevadas a invenção: *ele inventava histórias macabras, a circulação em outros e novos contextos e a mobilização – na subjetividade – de porosidades, humores e energias. O anão mostrava à protagonista esconderijos na casa e no jardim, trazia insetos estranhos e pedras diferentes (...) Chegava e sumia, pregando-me peças que parecia achar divertidíssimas. (...) Ele vinha nas horas mais inesperadas, andava pelo meu quarto, pegava livros de história e brinquedos; remexia gavetas; às vezes, me aborrecia; outras, ia ao jardim comigo, achava ninhos de pássaros; às vezes trazia na mão um passarinho morto e ria de mim quando eu ficava comadecida.*

– *Onde você mora? – indaguei mais de uma vez...*

Ele fazia um gesto impreciso: ali... E quando insistia, perguntando se morava no sótão, ficava emburrado.

O *script* se amplia e se complica ainda mais, agora. Tudo está ofuscado, não se sabe mais com quais imprecisões e com quais precisões seria preciso compor. Quais processos serão, a esta altura, condutores de sentido? Neste percurso, que ciladas evitar? Qual é a dosagem de prudência, nessa hora, *entre o cão e o lobo, em que se desconfia mesmo do que lhe é mais caro*²⁰? Como estar a altura de entendimentos de relações e de prudências?

Empenhar-se em potência exige que se aspire tais problematizações na vida, lançando-se a *um processo seletivo singular* (que) *diferencia por um critério muito próprio o que lhe faz bem o que*

²⁰ DELEUZE, Gilles.; *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 10.

torna mais forte²¹. Tudo bem longe da idéia de conforto, apaziguamento, mornidão, displicência ou consolo.

Delícia meu banho demorado; longos momentos mergulhada até o queixo na água morna; tomo mais de um banho por dia agora, por causa do calor, e porque me conforta. Aninhada nesse limbo, suporto melhor a vida.

Mas preciso de mais do que consolo: preciso de ânimo (...) Mesmo assim enfrento o dia. No almoço estamos só eu, um grupo de estudantes e aquele homem solitário, meu vizinho de cima.

O planejado era diretamente visitar Gabriel. Ocorre que as Moças se encontram com ela – que acaba convidando-as a entrar em seu quarto: *sinto que tenho sido pouco simpática com elas; preciso de presenças (...). Elas chegam: tenho a impressão de que a Loura só caminha sustentada pela outra.* Ela, posicionada tanto para ver a floresta quanto para conversar com as duas. Está antenada.

Está anoitecendo sobre as grandes árvores, e nada se move no calor. A Morena pergunta se gosto desse mato.

– *Muito. Mas à noite me assusta um pouco – responde sincera*

A Loura arregala os olhos como se quisesse enxergar algo lá fora. Pergunto (...) se é possível passear por lá, dentro da floresta.

– *Proibido, filha (...). – É reserva. Não se pode entrar.*

– *Reservado para quem, se não se pode andar nela?*

Não têm resposta; mas o Anão deve saber (...). E quem sabe ele conhece algum modo de entrar? Sempre foi mestre em descobrir passagens secretas. As duas se vão.

Ela, principalmente no refeitório, começa a notar quando, como e quem aparece. *Algumas vezes o Anão não vem às refeições; sem ele, sinto-me mais estrangeira e mais órfã na Casa Vermelha.* Com a energia que tem, ela tenta se colocar a uma escuta de si; e assim anda... Entre clichês e ensaios de outros faros.

²¹ VIEIRA, M. C. Amorim; *O Desafio da Grande Saíde em Nietzsche*. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2000, p. 82.

O anão começa a aparecer mais: Para a protagonista, era singular a leveza do entrosamento entre os dois *na infância*. *Desde a primeira aparição (...) às vezes eu o mandava embora, outras esperava ansiosa que aparecesse no quarto, ou no jardim. (...) sabia brincadeiras diferentes, dizia coisas que ninguém mais dizia. Referia-se a minha mãe com misto de admiração e ironia; lembro-me de que, antes da morte dela, falou várias vezes em gente que se mata e vira alma penada, mortos vagando porque não são aceitos no céu dos bons.*

“Lá é muito chato”, dizia ele, com sua risadinha cínica. (...) Era ele o meu amigo (...) Hoje depois do jantar saio para o avarandado, onde até há pouco o ruidoso grupo de estudantes fumava e falava alto. Há menos bruma e mais luzes. Num canto, as duas Moças, ombros encostados, contemplam restos de pôr-do-sol, a Loura cada dia mais consumida.

(...)

O Anão nem me olhou no jantar. Raramente fala comigo em público. Parece emburrado, como nos velhos tempos. O Enfermeiro passou pela minha mesa com a bandeja de Gabriel; num rosnado disse rapidamente que meu irmão anda nervoso; prometi visitá-lo outra vez. Meu vizinho de cima caminha freqüentemente no meio da noite (...) judeu errante (...) passa sem olhar para os lados; sinto uma onda de frio que parece sair dele.

– *Sinistro, não?* – disse a Morena passando o braço no ombro da outra, como para a proteger.

As Criadas que arrumavam a sala de jantar ouviram e chegaram perto, panos encardidos nas mãos...

– *É meio doido* – disse uma delas.

Acho graça. Ninguém é normal por aqui?

– *Madame está mandando ele embora – completou a outra. Ficaram nos olhando, e sorriam como se fosse engracado.*

Senti curiosidade: Ele me dá arrepios. Quem é, afinal?

– *Madame descobriu umas coisas; ficou com medo.*

– *Coisas? – meu interesse brotava (...) como na infância, como em um território onde pulsam correntes de interesse, disponibilidade, interação e conversas. O Anão já antes provocava essa*

‘chegada’ inusitada *com as suas histórias extravagantes* e gestos de vida que voltam a invadir, como lembrança, em certos instantes. As ajudantes não se desafogam do tal ‘judeu’:

– *Ele foi uma espécie de bandido – disseram as duas ao mesmo tempo. – Bandido? –* e a Morena mostra sua risada incrédula (...) *Mas as duas patetas não souberam explicar (...).* As coisas se aquietam um pouco mais na varanda. *Fico ainda algum tempo na noite sufocante. Minha solidão me assusta.* Puxam-lhe a saia de repente:

já sei. O Anão chegou por trás, sem ruído. Faz sinal de que me abaixe, sussurra no meu ouvido com sua voz de sapo (...) Endireito-me, olho a paisagem já sem a ver. Era isso o calafrio que me vinha dele. Por isso caminha tanto em seu quarto à noite. (...) Para mim, ele é o demônio. Eu disse ao Anão, que achou uma graça imensa.

Está posto um modo de *ziguezaguear entre dizer e perceber, entre a dizibilidade e a perceptibilidade que perpassa bocas e posturas dos humanos.* Vive-se, nesse campo, à mercê do inesperado, mesmo que este, para determinadas posturas, *ameace apenas como simulacro demoníaco.*

É inevitável que o *aprendizado que se vive aqui* seja o de uma aventura que impregna o destino dos humanos²², uma vez que o que perpassa bocas e posturas – humanas, inclusive – está em lances de permeabilidade da personagem em questão.

Hoje, no almoço, um casal novo. Não um casal: pai e filha, explicam as Criadas. E neste ambiente, é como se os pequenos incidentes, as intrigas, me confirmassem que a vida corre solta, com suas mesquinharias, misérias, situações cômicas ou patéticas. Acabo dando corda às Criadas que vivem concedendo gratuitamente informações, mesmo que canhestras, do que se passa por lá. Dali, sabem pouco; mas sabem das presenças.

Entre dar corda a uma coisa ou outra, a não dar corda, a tentar desatar os nós, a protagonista perambula pela cidade, revê pessoas marcantes de sua juventude e possui um trabalho novo e provisório. Terminada a tarde e com a volta para casa, passa a experimentar um desassossego rondando: “O que espero?”

Só hoje entendi: é a hora em que Lucas chegava da sua escolinha. Apesar de tão ocupada longe

²² ORLANDI, L.B.L; *Imagen de Palhaço e Liberdade.* Conferência de encerramento do VI Simpósio Internacional de Filosofia: Nietzsche e Deleuze – Imagem, Literatura e Educação. Fortaleza. 2005.

de casa, a vida de Lucas era o ponteiro que orientava a minha, em segredo: hora de ele estar na escola, hora de chegar em casa, hora do banho, hora do lanche. O pano de fundo da minha existência ocupada e eficiente era saber: Lucas está bem, está abrigado, está seguro.

Sem ele, fiquei uma casa abandonada, portas abertas, assoalho carcomido onde correm sinistras ratazanas.

Hora de Lucas chegar em casa: é isso que meu coração sabe mais do que eu.

Mesmo que nessa passagem também exista uma vontade de compreensão por demais acelerada, ou mesmo uma vontade de um “fechamento” tangível no que se refere a determinadas indagações, ela pode ser aproximada do seguinte problema: por quais traçados ou lances em nosso processo de subjetivação seria possível navegar quando desejamos “entender” o que se passa nas relações que nos compõem ou invadem?

Ora, se o sentido está em fuga e se contorce, *por que buscá-lo como acessível a uma consciência de algo? Por que não explorá-lo correndo os riscos das distâncias e dos percursos?*²³

- Tinha duas mulheres bêbadas no telhado esta noite – diz Gabriel na sua vozinha fina: e me olha, subitamente alerta e irônico. Emerge da alienação, mais lúcido que eu neste momento. Saberá que esse tipo de comentário me intriga e inquieta, que não sei diferenciar, nele, a loucura da razão?

Ensaia para si uma primeira aposta: um pensamento que insufla um ‘basta’. Já tem trabalho em demasia com os rumores da floresta, das lembranças que assolam, da inquietação presente. *Bastam-me(...).*

Procuro sustentar o verde olhar, mas não consigo. Com ele e com o Anão tudo é possível. Um louco pintaria aqueles palhaços tão reais? Ou só um louco os pintaria, tantas feições?

– Quer ver? – indica o cavalete diante da janela; então ao menos uma vez mudou seu tema?

Numa grande folha, em traços negros, Gabriel desenhou duas formas femininas enlaçadas, quase fundidas; duas amantes bêbadas, duas bailarinas sensualíssimas, de pé na beira do telhado, tão na beiradinha que se vêem as madeiras recortadas (...).

²³ ORLANDI, L.B.L. Notas de Orientação. 2004

(...) uma delicadeza que me deixa de olhos nevoentos.

– São elas – diz Gabriel; agora apoia-se no cotovelo e me olha direto, sua expressão tão normal, tão banal quanto a de qualquer pessoa.

– Vi outras noites também. Quando tem lua.

– Aqui na Casa? – agora estamos sérios os dois, ele parece menos doido que eu.

– Onde mais posso ver alguma coisa? Escrevi o nome delas do outro lado. Viro com certa dificuldade a folha grande e mole e leio, na letra de Gabriel(...): AS SONÂMBULAS.

Com a imagem-inscrição do verso, o coração da protagonista parece inchado, e meu estômago dá voltas. (...)

– Por que sonâmbulas? – pergunto, aproveito a última réstia de luz na mente de Gabriel, sinto que logo ele me escapará outra vez..

– Porque nas noites de lua cheia os sonâmbulos sobem para os telhados e ficam balançando na beiradinha...

A pele dos meu braços se arrepia: essa era uma das histórias malucas que o Anão contava na minha infância. Gabriel era pequeno demais para ter sabido delas, não creio nem que se desse conta da presença do Anão. Às vezes o Gnomo me despertava no meio da madrugada, para procurarmos os sonâmbulos nos telhados da vizinhança (...).

– Tudo invenção sua, seu bobo – eu dizia.

Agora Gabriel começa a falar num ritmo frenético, aperta os dentes ao falar, logo vai articular tão depressa que não se entenderá mais nada (...).

Uma nova hóspede pede um livro emprestado; *depois que ela sai, paro na frente do Anão, que não piscou sequer, lê imperturbável.*

– E você, sempre invadindo meu quarto?

– *Quer dar uma voltinha na floresta um dia desses? – ele não levanta os olhos do livro ao indagar.*

Esse aborto tem parte com o diabo: tenho pensado em entrar na floresta, e em lhe pedir que procure uma entrada, uma vez que se vêem trilhas internas da mata, sabe-se delas e de acessos que estão aí, porém impedidos por arames farpados. Tenho desejos de entrar nesses túneis verdes; descobrir (...). Ela, porém, não dá o braço a torcer, e diz ao Anão: - Afinal, o que é que você faz na vida, além de se meter onde não é chamado? O riso do Anão dispara, leve. E ele nem se importa em responder. Ela exclama: – Quer fazer o favor de me deixar sozinha e meter-se na sua toca de rato? Ele sai indignado, carregando o livro sem pedir licença.

Fora do patamar sereno de uma noite bem dormida, acordo com alguém puxando meu braço, imediatamente fico coberta de suor, frio, medo. Procuro ver na penumbra (...) Que é, que foi? Sento-me, em pânico. O Anão. Tenho vontade de esmagá-lo.

– *Um dia eu ainda te mato, seu verme.*

Mas ele gesticula nervoso (...). E quem poderia dizer se também não ficou louco? (...) Ele continua gesticulando, nervoso, não diz nada. Como nunca o vi assim, levanto-me atordoada(...). Lá fora, a mata é um oceano mágico, prataria, e profundas fendas negras. O Anão trepa na cadeira, sobe até o peitoril onde fica agachado(...) vai jogar-se daí? Mas ele aponta o telhado. Inclino-me para ver.

Lá, bem na quina, estão elas: as Sonâmbulas de Gabriel. Abraçadas, na ponta das velhas telhas limosas, ao mais leve descuido despencam lá embaixo. Sustento a respiração(...) Elas balançam, unidas, fundidas,... fazendo amor em pé, delicadamente. É, sem tirar nem pôr, o desenho de meu irmão.

São elas, (...) a Morena e a Loura, transfiguradas de lua (...) Apenas, de madrugada, ventania. Fico acordada, à escuta: quando o vento é forte, a Casa Vermelha arfa e geme.

É outra, agora, a noite. A protagonista, em seu quarto, cumpre parcialmente a rotina amorosa: tem, na mão, a bolsa; na cabeça, Antônio; veste uma roupa de sair. Está em seu quarto quando a Moça Morena bate à porta. Nem parece notar que estou pronta para sair a essa hora da noite. Está branca, olheiras fundas. Senta-se diante da cômoda, sem dizer nada, e sem que eu diga nada. Não

sei se quero ouvir (...) preciso urgentemente ser feliz, por umas horas que seja. Mas a lembrança da visão, ou do sonho, daquela noite, as duas amantes do telhado, faz com que eu me sente.

(...)

A Morena explode:

– *Ela está morrendo. Morrendo! – levanta-se, cambaleia, desaba em cima da minha cama; chora... O que posso fazer?*

Sento-me na beira da cama, coloco a mão em seu braço, noto como emagreceu. Fico quieta. Sei que fala da sua companheira Loura, que tem a morte estampada no rosto, impregnada em seu cheiro, seu hálito, alimentando-se da sua vitalidade cada vez menor.

O que poderei dizer? Muitas vezes tive de contar a um jovem casal que seu filho (...) sucumbira à dura luta de nascer. Inventava frases, consolava, mas no fundo sentia: tudo mentira, diante desse mistério todo.

– *Vamos, vamos. Fale. Assim não posso ajudar. O que foi?*

Ela faz força para se controlar; ainda soluçando, desata a falar, e fala como se não fosse parar nunca, essa torrente tanto tempo contida.

Diz o que eu já supunha. O sofrimento de um lado nos deixa fechados aos outros; mas, de outro, nos dota de antenas apuradas, farejamos (...)

*

As duas moças, amigas de longa data e moradoras do mesmo apartamento, *descobriram-se apaixonadas uma pela outra*. Problematizações, sustos, instabilidades, medos, neurases:

E os alunos, os colegas? A cidadezinha do interior, falatórios seriam uma ameaça constante. Decidiram ir embora para uma cidade maior. Transferências conseguidas, apartamento alugado, passagens compradas, a Moça Loura passara mal. Antigos problemas revelaram-se caso grave. O diagnóstico era fatal: câncer inoperável. Paliativo: quimioterapia. Ela, a Morena, quis assumir a tarefa de informar sua amiga.

– *A coisa mais triste que já fiz na vida – ela disse, meneando a cabeça, cansada. Compreendi melhor do que ela imaginava. (...)*

Tiraram uma licença, vieram para a Casa Vermelha (...).

– *O médico receitou morfina, me ensinou a aplicar; e disse que quando as dores ficassem insuportáveis, o fim estaria perto. E ela teria de ir para um hospital.*

– *Para morrer?*

– *Para morrer.*

Ficamos um tempo em silêncio, ela enxugando o rosto, recompondo a roupa, sentando-se ereta na cama. Fico imaginando as duas, que inventaram um esforço para amar driblando a morte.

– *Agora ela está lá no quarto, rolando de dor... fazendo força para não gritar. Preciso saber se posso aumentar a dose mas não tenho com quem falar... você é médica... pelo amor de Deus – concluiu, tão baixinho que eu quase nem ouvia mais.*

– *Como você descobriu minha profissão? (...)*

– *As Criadas contaram. Elas sabem tudo a respeito da gente – acrescentou.*

Fui com ela até seu quarto. A Loura era um espectro do espectro que fora. Queriam adiar o mais possível a internação no hospital, a separação, a burocratização do seu drama. Fiz o que pude.

*

Calor. Nada de fome, a não ser a perspectiva de estar com Antônio esta noite. Isso a anima. Ou me dá essa leve dor no estômago? A presença efetiva e corporal das moças invade o pensamento. É a presença e os cenários todos. É o entendimento do seu desamparo diante da implacável morte. Remexo com minha colher o cafezinho morno e ruim. De repente, um ruído que conheço brota do fundo das lembranças como uma bolha que estoura na superfície de um charco: alguém derrubou uma cadeira? Depois meu coração se aperta: mais uma coisa estilhaçou no mundo.

Esse entendimento vem por índices sensíveis e pela coexistência de marés de diferentes memórias. Realmente uma cadeira cai no chão do refeitório. Alguém ‘machucado’ sai da mesa e deixa aquele som, aquela movimentação. Um corpo que sente uma injustiça procura sair logo dessa situação... Sem meios-termos. Nessa tentativa, derruba a própria cadeira na qual se apoiara antes. Realmente existiram também cadeiras e barulhos assim na casa da infância.

Porém, sua exploração não trata só disso; em face da incitação de um mundo vivo em seu corpo, é transpassada uma sucessão cronológica niveladora. A essa altura, é preciso que haja uma cautela plena de sutileza, que consiste em promover com suavidade a escuta antenal de rebrilhos sensíveis em meio a enunciados oficiais. Não se trata apenas de um encadeamento lógico exterior ou mesmo intimista. Resgatam-se – no atual – lances e quedas e cadeiras e dores e pressões e preensões e depressões, num emaranhado de vida e morte; em fluxos de saúde e torrentes de decadência, encrespados e em combate.

– *Se você gostasse de mim morava aqui com a gente. É tão legal, mãe. O Moranguinho nunca mais fez pipi no tapete.*

– *Venha você morar com a Mamãe, querido. Você tem comido direito? Te achei magrinho da última vez...*

– *Às vezes eu fico meio triste. Fica tudo sem graça sem você, mãe.*

*

(Estou metida numa panela de pressão. Vejo as paredes de metal, espanto-me porque respiro tão bem quanto um peixe debaixo d'água. Conforto, e paz. Mas a panela tem um defeito, noto com aflição: estou encolhida no fundo e a válvula sobre minha cabeça é um furinho preto e latejante. Sei que a panela vai estourar, a válvula abre e fecha, abre e fecha (...) Há rachaduras nas paredes agora: apalpo-as, sinto que aumentam. Do lado de fora da panela, Lucas prepara a sua refeição. Penso: Tão pequeno e já sabe cozinhar, e lidar com panela de pressão, coisa que nem eu sei. Aí me ocorre que quando houver o estouro, ele pode se machucar. De novo a válvula se agita, pulsa cada vez mais furiosamente: por fim tudo se fragmenta (...))

Estacionado o táxi, a vista é a da casa de Antônio: *quadrada e imponente, e mal-iluminada. Reconheço que me deprime. Passei aqui em frente de carro com Antônio algumas vezes: grades altas, jardim severo.* Entra, fica durante pouco mais de uma hora. *Não houve o desejado fim de semana: quando vi, eu estava de volta à Casa Vermenlha.*

*

A Loura Sonâmbula enveredada pela sua floresta de tantos acessos; já no hospital, morrendo.

Dias depois, o *Anão cantarola na sua voz de sapo, trotando à minha frente*. Nada de ela querer ir trabalhar. *Sem condições (...).* Toxinas: um meio. Durante um tempo, se entorpecer: uma escolha. *Que rumo? Não sei, dever haver rumo (...).* *Passei uma noite de esquecimento; tomei dois calmantes, adormeci invejando a Moça Loura que morreu há dias (...).* *Acordei com assobios na rua. Por fim levanto, curiosa; pequenos detalhes me revelam que a vida não acabou; ainda consigo ter ímpetos (...).* *Estou viva.*

Era o Anão assobiando naquela insistência. (...). *Fazia veementes sinais com os bracinhos. Debrucei-me no peitoril, como na infância, quando ele me chamava para o jardim, a fim de ver uma rã morta, um passarinho de asa partida, uma lesma na qual tinha jogado sal. Era mestre nessas coisas repulsivas.*

– *Descobri uma entrada para o mato, você, quer vir?*

Primeiro, pensei que ele ia só me fazer de boba; depois me animei: a floresta, majestosa e inalcançável, se abriria para mim, um pouco que fosse? (...). *O Anão estava impaciente. Ele tinha razão: achara um acesso à mata.*

Encontram, os dois, um intervalo nos arames farpados. Por ele, se infiltram, depois, *numa espécie de sombrio túnel, verdes e castanhos, sombras móveis ou imóveis*, e o Anão trotando à frente.

No começo, andei hesitante, cansada, aturdida, depois a magia do lugar me dominou. Aqui e ali nas copas altas, vultos ariscos, (...). *pios... ventos... rumores de mar, nódoas de sombra e luz (...).* *Depois o sol sumiu, devia estar ameaçando chuva lá fora, nós mergulhados naquelas sombras. Tive um pouco de medo.*

– *Vai chover – eu disse. – Está abafado demais.*

– *Lá adiante tem água (...).* *Um grotão. Vamos! – seu tom era imperioso, e eu me deixava levar. O caminho agora era uma ladeira subindo quase vertical. Arbustos arranhavam minha cara, galhos laceram minhas pernas. Eu ofegava como alguém prestes a morrer, assistira a algumas tantas mortes (...).*

Como morrer? Arranhões dão contorno ou fazem vazar várias correspondências. Pensar-se-ia,

talvez, em abrir mão de toda uma maré de problematizações, mas como não ver vibrando no corpo todo um grito-desamparo? Como não enxergar que, mesmo assim, ainda se tenta? Por onde andam as redes de sustentação? O que poderia ter consistência suficiente para fazer frente a tudo com que essa personagem agora começa a se associar?

Minha mãe devia ter tido uma morte boa: um clarão, uma punhalada, e a liberdade. O silêncio da grande embriaguez final, morrer deve ser uma gigantesca bebedeira, um porre de nada, de silêncio e vazio.

Correspondência em uma zona de perigo, eis o que advém quando se liga à mãe, nesse sufoco, e a uma certa idéia de morte como algo capaz de encerrar distorções de sentidos em um entorpecimento definitivo.

– *Fico aqui – avisei. Um pequeno platô, uma espécie de clareira. Sentei-me numa raiz lisa como uma tromba correndo sobre a terra, sinuosa. O Anão ficou por ali, rondando (...). De repente toda a tragédia da vida abateu-se sobre mim: eu floresta (...) eu acuada de todos os lados, sem saber para onde ir.*

– *Minha vida não tem mais jeito – eu disse em voz alta, e desatei a chorar.*

Chorei muito, rosto escondido nas mãos. O Anão chegou perto, começou a tirar dos meus cabelos as folhas secas, o nó da nuca soltara-se na caminhada(...). O que pode um cansaço quando é demasiado forte? O que pode um período assim? Esse tempo começara com a frase impactante do Anão: Você está cada vez mais parecida com a Rainha Exilada. Que diferenciações ou correspondências, que combates se travam agora, quando esse amigo presencia tamanha aproximação das duas? Crises, memórias e uma noção a invadem. Mantém, em foco e em mente, a Rainha Exilada: Uma mulher tão grande, dama antiga de sólida aparência: no entanto, toda fragilidade, medo. Sede. Perdição. Corpo de parideira, mas o coração no exílio

Tinha uma pele muito doce: eu raramente a tocava, ela não queria; encolhia-se toda, nossos abraços e beijos tinham de ser breves e superficiais. Parecia feita para o amor e a vida, mas era ligada à banda da morte. (...) talvez eu deva enfim compreender minha mãe. Mal equipada para a vida. O que são dois filhos quando o abismo nos convoca tão insistente? É possível que para ela a vida tenha sido como esta Casa Vermelha: um lugar onde se reúnem os errantes, os desgarrados, uma ligação fortuita e sem raízes. Estranho exílio(...) Talvez só morrendo entrasse no seu reino.

Seria esse um possível do território das ligações sem raízes? Será um corpo tão marítimo e desassossegante que, em relação a ele, mesmo o encerramento de tudo pode ser preferível?

Guardo as fotos; tiro do armário o frasco de pedrinhas coloridas (...). Derramo as bolinhas na cama (...) Quantas vezes minha mãe tomou tudo isso nas mãos, deixou correr entre os dedos, contemplou à luz do seu abajur? O que lhe teria significado, antes daquele tiro?

É noite lá fora; parou de chover. (...) Basta pensar nele e a vozinha antipática se intromete:

– Vai engolir tudo? – espiava sobre meu ombro, plantado na ponta dos pés. Será que alguma vez ele usou óculos? Finge que não escuto.

– As pílulas da rainha?

– São minhas (...), pigmeu. E você roubou todas as verdes.

(...)

– Afinal, onde fica o seu quarto?

Estou colocando algumas peças de roupa numa maleta. Depois de tantos dias, Antônio me persuadiu a tentarmos.

– A gente se ama – ele repetia – tudo vai dar certo.

Eu não acreditava muito, estava cansada; mas é uma esperança, um tentativa: por isso me preparam, enquanto o Anão me observa agachado sobre a colcha ao lado da mala. Ele respondeu com um vago gesto da mãozinha gorda, exatamente como eu esperava:

– Lá...

– Na torrezinha?

Ele não responde, finge que me ajuda a dobrar a camisola de seda fina (...).

A questão que agora se põe é que Antônio não consegue convencê-la de apostar em sua ligação. Ela desiste dessa estória. Não é mais uma realização; a esperança de tudo se ajeitar não existe mais. Precisa se haver com o que lhe importa a essa altura, isto é, com valorações e consistências

de si.

(Estou diante de uma mesa cirúrgica: cesariana. Fiz centenas na vida; conheço de cor o ritual. Sei onde piso. Mas desta vez entendo que não é para tirar dali uma vida, e sim para enfiar ali uma morte. Tudo terrivelmente errado. Alguém coloca nas minhas mãos o bebê que preciso meter nesse ventre aberto, mas não é um bebê: é o Anão, encolhido, nu, sem chapéu. Não vejo o rosto da paciente, mas sua barriga está inundada de sangue, um charco que borbulha. Largo o Anão sobre uma mesinha, meto as mãos naquele poço, retiro vísceras emaranhadas, para fazer lugar. Finalmente o deito ali, minhas mãos tremem de horror.

– *Precisa suturar agora – alguém diz. Começo a costurar com grandes pontos, negligente como via costurarem os perus recheados em nossa casa.*

Termino, olho minha roupa ensanguentada. Sangue nos ladrilhos do assoalho, onde vejo, a um canto, os óculos de meu Anão.)

Café, banho e decisão tomados. Alívio e sonolência.

Ando como quem caminha pela primeira vez depois de uma longa enfermidade.

Como acompanhar um cambalear experimental como esse? Será que isso se explica? O que se sabe é que um andar assim desencadeado assim não possui a limpeza de um ideal, mas se dá em um redemoinho de mundos e vontades. Não traz consigo garantias, desconhece acordos, já que não sabe se vai vingar. Apesar disso, traz, na experimentação, nas pequenas rachaduras e no titubear dos pés, o entendimento de outras e tantas relações – mesmo aquelas travadas com a enfermidade de um certo tempo.

– *Meu Deus – recomeço a dizer, ansiada. – Meu Deus.* É. Antes, havia ocorrido essa *vertigem* até que se acreditasse mesmo. O Anão estava morto.

Mexo nele com mais força (...). ajoelhada ao seu lado, chamo alto por ele, ao soluços. Bato nele de punhos fechados, como louca, o corpo inerte rola para lá e para cá:

– *Seu merda!*

Já chorei assim alguma vez, eu, que tenho chorado tanto? O choro de quem dá à luz a si mesma,

abre as pernas dolorosamente e sai dali entre gemidos fundos, sangue e gosma.

Deito-me junto dele: eu o amava. Companheiro de exílio.

(...)

Ninguém me vê sair da Casa Vermelha. Há luz na cozinha, mas as Criadas ainda demorarão a pôr as mesas para o café...

Estou indo, estou indo. (...) Ainda não consertaram aqueles arames farpados. Primeiros passos, tropeçando. Cheiro de mato, almíscar, musgos úmidos. Decomposição e nascimento, cogumelos saltando do esterco.

Depois, meu passo se firma. Aqui e ali, reflexos verdes (...) Avanço rápido, arfando (...).

A esta altura, ela pode auscultar o coração emaranhado das coisas, que empurra as torrentes da vida e da morte que nos levam. Talvez eu não consiga chegar em casa. Talvez, chegando, não possa ficar. Quem sabe?

O Ponto Cego²⁴

Birra: do latim vulgar *verrea < *verres*, “verrasco”: teima caprichosa, obstinação, teimosia. É uma atitude que se manifesta por um choro persistente e, por vezes, por gestos que expressam irritação em face de uma contrariedade. Será a uma “teima” de perspectiva que remete este narrador de *O Ponto Cego*?

Eu que invento e desinvento, eu que manejo os cordéis, eu decidi parar de crescer. Foi quando minha Mãe não procurou logo por mim naquele nosso jogo. Ela não entrou na brincadeira: não se interessava mais.

Há ainda um fragmento antes deste parágrafo inicial aqui citado.

Lê-se:

O ponto cego é um fenômeno da visão humana segundo o qual, conforme convergência e refração, pode-se ver o que habitualmente permanece oculto: a possibilidade além da superfície, o concreto afirmado na miragem. Assim eu inventei, assim eu decretei, assim é.

Ah, se pudéssemos decretar que aqui só há ‘birra’ ou obstinação ou decreto! Não o podemos; raro é a vida se contentar em se estancar no limite dos glossários, encyclopédias e vocábulos.

Ainda que se tente, ainda que se teime, os impasses não se dispõem unicamente assim. Teimam em requisitar e impor, à nossa atividade pensante, planos outros que não os já sistematizados ou prontos.

Sabendo o narrador que alguém a ele importante não se interessava mais por um jogo que outrora fora um bom encanto, se assombra com o fio perigoso das coisas. Põe-se a contar...

Ficamos, por enquanto, assim: simplesmente acompanhando um tanto de não-apreensão, um turbilhonar que tão-somente se iniciara. E ainda, um tanto de “amarra”, birra, convergências e

²⁴ LUFT, L. *O Ponto Cego*. São Paulo: Mandarim, 1999.

Toda a narração e citações literárias deste capítulo giram em torno deste livro.

refrações, ou seja: um tanto daqueles estados em que se cai quando um processo é interrompido, impedido, colmatado²⁵.

É uma questão de miragem, de invenção e “desinvenção” o que se vê ali; uma aposta num perigoso jogo de cordéis. Risco, incômodos, desassossego, apostas. No entanto, também a impossibilidade de sair ilesos.

Uma vida em movimentações e desconfigurações – que estaria então a nos cordear – talvez seja o que não se dribla assim tão fácil. É a vida que acontece, que arrasta determinados modos de pensar, de “crescer” e de se movimentar por aí. E isso não se dribla com um EU, com um “eu manejo minhas criaturas, invento e desinvento e faço acontecer”.

Ele apostou forte nesse “faço acontecer”. Mas no momento em que esse ponto cego o arrasta e habita, sabe que seu relevo e seus manejos próprios podem não se sustentar mais conforme o planejado, apesar dos decretos impregnados nos cordéis.

Isso foi antes de recebermos a visita que faria saltar dos espaços brancos tudo o que lá se ocultava.

Minha Mãe foi-se cansando de mim, da nossa cumplicidade. Ou da vida que levava. Sabia que havia rumos a decidir e restava-lhe menos tempo para minhas constantes necessidades, pois eu a exigia muito e ela se exigia o tempo todo.

(...) meus cálculos podem ter dado errado(...)

Notando o desinteresse dela, disfarçado mas real e do qual talvez nem ela se desse conta, pensei que se ficasse para sempre pequeno eu teria mais chances: o que resta a uma Mãe senão cuidar do seu Menino?

(...)

Meu corpo obedeceu quando eu o reinventei; mas não como fora planejado. Parou, mas não de todo; e não se sustou direito. Em algum momento errei a fala, fui do roteiro, (...). Estranhas mudanças começaram a acontecer em mim, essas que nem eu entendo mas sofro.

²⁵ DELEUZE, Gilles; Crítica e Clínica. Tr. br. de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997, p. 13.

Cada dia sinto que fiquei alguns milímetros diferente. Um pouco maior? Menor ainda? A pele muda de textura, tudo me dói. Se eu continuar crescendo, ao contrário do que projetei, mas minha pele não se esticar? Se ela rachar e se fender... Se eu explodir?

O que vai ser de mim? Eu me pergunto isso todos os dias, uma porção de vezes. (...)

O tempo que rói e corrói precisa ser reinstituído(...)

Ainda insiste, no entanto:

(É isso que eu faço. Eu manejo as minhas criaturas, invento e desinvento, e faço acontecer.)

Essa é uma história de muita sombra. ...de desvãos... Narração de olhares, de um olhar. História de invocações. Podemos começar então um mergulho: quais potências, ou seja, que lampejos de ações ou padecimentos estão para se desdobrar?

Algumas das coisas (...) vi e vivi; de muitas suspeitei, apanhei soltas no ar (...) nas frestas. Outras, ainda, as pessoas revelam sem saber.

(...) Personagens arrastam-se de longe: nunca acabaram de ser narradas, por isso não conseguem morrer, e querem que eu as convoque.

Não cessam; murmuram nas dobras da cortina; querem voltar, querem viver. Sabem que posso desatar os nós que as prendem e as soltar na sombra – como balões iluminados. (...) Precisando então, dentre narrativas, manter um pouso mais demorado, diz: (Mas) a ...que eu quero contar, essa que circula no meu sangue e transuda de minha pele, é a história de duas pessoas que foram engolidas pelo seu olhar, um olhar infinito e interminável, viajante certeiro. Um olhar fatal. ... narrativa de como tentei manipular o tempo e afinal ele armou para mim uma armadilha mais eficiente do que a minha malícia.

Sensível à sua maneira, o narrador tange o enredo, os itinerários, a família. Tenta, com isso, no decorrer do tempo e dos acontecimentos, assegurar-lhes a formatação, que outrora se colocava como tão sólida.

Sítios da segurança, sempre prontos a descambar. Mesmo que a partir de um corpo mais potente: o do entendimento (por mais inconfortável que seja) de um tempo avesso a manipulações.

Se eu era o definido precário, minha Mãe era a força negada: trazia entalada na garganta a pedra de sua própria anulação. Meu Pai tinha direito ao espaço: o melhor lugar à mesa, a maior poltrona na sala, a força e a ordenação.

As pessoas o temiam; eu também. Minha mãe, por alguma razão nebulosa, sempre se submetia. Era mais inteligente do que ele, mais perspicaz, mais agradável, muito mais estimada. Porém sempre se esforçava por falar menos que ele nas reuniões: procurava a indefinição. Quando os dois discutiam, minha Mãe cedia: olhava para o lado, amaciava a voz, procurava as palavras que não o irritassem. Mesmo podendo vencer, ela queria perder. Perder era o seu conforto. Outras vezes, calava: olhava um ponto longe (...).

(Um dia ela iria transbordar das beiras de si mesma, e eu teria preferido não estar presente.)

Os lugares de perdição ou paraíso não entram em negociação ali; estão anestesiados. São como efeitos desses estados em que caímos – em que, de tanto nos desassossegarem angústia e amor, parece não restar ação possível senão a de re-enxergar a vida a partir de certos patamares.

(...)Tudo nela era aquela mirada cinzenta e distraída. Quando ela olhava um ponto qualquer sem nada ver, eu queria embarcar também – mas não havia espaço. Isso me dava muita angústia e amor também.

Depois seu olhar voltava para mim, me chamava, ria e brincava com o meu – e era o paraíso. Os olhos de minha Mãe eram o meu paraíso, e foram a sua perdição.

Ele passa a tirar sua pertinência e força desta decisão: injetar suspensões de um certo andamento de seu corpo e de si: *Para sempre sete anos – esse número é o mais bonito: são sete os patamares, sete os pecados e sete os mares, sete a conta do mentiroso, gatos dourados têm sete vidas, bela é a lua sobre o campo quando a morte começa a desdobrar as asas.*

Outras figuras habitam aquela morada. Em um dos planos, o corpo e a perambulação de um pai entram em cena: *precisava controlar tudo e todos, sobretudo essa que era a sua mulher. “Minha Mulher”, dizia em voz firme, falando dela ou quando a apresentava. Dizia: “Minha mulher não faz isso”, “minha mulher não freqüenta esses lugares”, “isso é coisa de minha mulher”.*

Mas a posse o mantinha preso, sendo o forte residia ali sua fraqueza. (...) queria conformar as coisas todas segundo sua vontade.

(...)

Quando estavam separados, telefonava a toda hora para minha Mãe como se quisesse verificar que a ordem de sua vida não fora infringida. Quando estavam juntos, não tirava dela seu único olho azul, conferindo: estava tudo como sempre, ela não se desviara dele, da sua vontade e da sua determinação?

Se minha Mãe lia quieta num canto ou simplesmente ficava sentada sem fazer nada, observava-a calado e sombrio como se precisasse analisar cada um de seus pensamentos.

No domínio da percepção sensível, o truncamento de uma certa estadia em atmosferas outras faz doer. Ou seja: perturba, hostiliza, fecha portas. É o truncamento de um olhar que escapa, de um pensamento que se desdobra, de potências que se implicam e ganham força.

Que acontece com a possibilidade de se inventarem saídas e escapes sutis quando tal marcação acontece e nos pega de jeito?

*

Descansa em paz Letícia, filha amada(...).

Inscrição de túmulo.

Eu sei que Letícia significa alegria, foi minha irmã quem me disse, e disse:

– *Ela era a filha querida do Papai, nasceu antes de você, antes de mim, mas morreu. Ficamos nós dois, eu e você, monstrinho. Melhor pra mim que ela morreu, agora eu sou a preferida! – acrescentou já se afastando, e sua risada cortou o ar como uma fina fria faca.*

Apesar do estranhamento do Menino, ela continua:

– *Eu nem lembro dela direito, era pequena demais. Morreu, acabou, o que é que tem?*

Ser a predileta do Pai era absoluto, um valor absoluto em nossa casa.

(...)

Quase chego a prometer a mim mesmo nunca mais escrever ‘letícia’ no espelho do corredor nem

murmurar entredentes “alegria, alegria” quando ele passa.

Mas não sou bom cumpridor do que prometo.

O que habitava a casa na época desta morte, a partir do pulso deste pai, era o desejo de eliminar dali tudo o que tinha a ver com os sinais da tal Letícia. *Queimou, rasgou, destruiu (...).* Fotografia, vestido, sapato? Tudo!

Ele nunca mais pronunciou seu nome. A palavra alegria foi banida. Irônico que tenha gerado um outro filho com tantos traços a ressoar; e que os sinais vivos, então, não se deixem destruir tão de pronto... Ou, ao menos, por um tempo.

A foto mostra uma criança sentada num banquinho, livro de figuras aberto no colo. Mas não olha o livro: olha para nós que a contemplaríamos no futuro, e ri. (...) no alto de uma escada, cabelo crespo igual ao meu. Mas o meu sempre mandaram cortar curtinho: meu Pai não quer saber de filho com cara de menina, além do mais essa semelhança o assusta. Essa, eu sei, é uma das coisas perigosas da minha vida.

Mais tarde, diz: *sei...porque a gente escuta os adultos falarem – Estranho, ele. Não tem a beleza da outra, embora seja muito parecido – alguém comentou.*

Talvez pela vontade de compreender, esse nosso narrador não exclui o lampejo-letícia. Vive dizendo que consegue chamar aqueles que ainda têm algo a dizer ou ainda não terminaram de ser narrados, vive dizendo que consegue chamar quem ele quer e até manejar traçados deixados por essas figuras; *mas essa aí não vem com facilidade*, constata.

Como se sentirá quem a gerou e pariu, cuidou dela e amamentou, e criou e amou no espaço que sobrava, na estreita beira que meu Pai lhe permitia – e de repente a perdeu para a coisa Inominável?

(É assim o tempo: devora tudo pelas beiradinhas, roendo, corroendo, recortando e consumindo. E nada nem ninguém lhe escapará (...).

Tensão. O que conta, no contato com esse último fragmento... é esse contorno tenso. É só reler, rever... o que pode um certo “devorar” de um tempo implacável, rodopiante, móvel... e instaurador de tantas outras movências. A vontade seria a de segurar um pouco mais esse fragmento, isso que

nele rebrilha... Segurá-lo, digamos, assim: “inacabado” – para ver o que surgiria... Ver quais movências se dariam a ver. Não houve tempo todavia, nem possibilidade. O narrador dá o seu fechamento. E não há muito a fazer a não ser terminar de ler, ver...

E nada nem ninguém lhe escapará a não ser que faça dele (tempo) seu bicho de estimação).

Incrível isso, tanto para aqueles que se chocam, quanto pra aqueles que se protegem justamente assim: driblando esse tempo, ainda mais tenso e fora dos gonzos que domado; esse tempo emaranhado²⁶.

Vive-se perto demais de um sufoco cor-de-futuro-e-angústia para que se possa afirmar um “futuro” como o incondicionado que o instante afirma.

Pensar condições de invenção de outros tempos que não os já consagrados pela história?²⁷ Não. Não dá. Isso sim é que seria o esboço de uma cegueira sem senso estratégico.

Fecho subitamente portas dentro de mim, por onde certas sensações iam passar para se realizarem.

Retiro bruscamente do seu caminho os objetos espirituais que lhes vão vincar certos gestos²⁸.

É no tom e ressonância dessa descrição de Pessoa que as coisas começam a nos preocupar.

Peter Pal Pelbart, em seu *O Tempo Não-Reconciliado* atribui a algumas figuras, pensadores e escritores o investimento pungente em certos conceitos de tempo; o investimento, mais precisamente em mosaicos de tempo com suas respectivas colorações; dentre eles, faz referência a Bruno Shulz. Para o qual o tempo é um elemento desordenado que só se mantém em disciplina graças a um incessante cultivo, a um cuidado, a um controle, a uma correção dos seus excessos. “Privado dessa assistência, ele fica imediatamente propenso a transgressões, a uma aberração selvagem, a travessuras irresponsáveis, a uma palhaçada amorfa.” Schultz lembra que carregamos uma carga extranumerária que não cabe no trem dos eventos e no tempo de dois trilhos que o suporta. Para esse contrabando precioso, chamado por ele de Acontecimento, existem as tais faixas laterais do tempo, desvios cegos, onde ficam ‘suspenso no ar, errantes, sem lar’, num entremeado multilinear, sem ‘antes’ nem ‘depois’(...) Assim, no seio do tempo contínuo dos presentes encadeados (cronos), insinua-se constantemente o tempo amorfo do Acontecimento (aion), na sua lógica não dialética, impessoal, impassível, incorpórea: “a pura reserva”, virtualidade pura que não pára de sobrevir.

Importa-nos aqui a o acolhimento das implicações de tais idéias – que funcionarão, em nossa escuta de mundos, como um estado de alerta.

Alerta no que se refere a essa imaginativa tendência de poderio nosso rebatido nos recortes de tempo e manuseio de tramas e planos – aos quais tantas vezes nos propomos a conseguir fazer.

PELBART, Peter Pal. O tempo não-reconciliado. In: ALLIEZ, Eric (org.). *Gilles Deleuze: Uma Vida Filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000, pp. 85-97.

²⁷ Idem, p. 97.

²⁸ PESSOA, Fernando. *Op. cit.*, p. 334.

Os outros pouco se inteiravam na época, mas *ele sempre quis uma filha, quando todo mundo quer menino ele queria filha mulher. E vendo a criança pela primeira vez fez a sua escolha. Não importava quantos bebês viesssem depois, essa era dele. Talvez quisesse inventar para si uma criatura.*

Decretou:

– *Vai se chamar Letícia. Vai ser a alegria de minha vida.*

Minha Mãe pensara em outros nomes, mas na hora de escolher nem foi consultada.

Quando algum tempo depois outra menina nasceu, ele não lhe deu importância. Seu coração feroz estava ocupado. Porém quando a morte lhe roubou a preferida, recuperando-se ele se voltou para a que tinha sobrado. (...) mais uma vez meu Pai escolheu: É essa, essa aí, agora ela vai desempenhar esse papel.

E amou a substituta com um entranhado amor que excluía até mesmo minha Mãe. Nela tinha sua esperança, nela plantava seus sonhos, fechava-se com ela num círculo de predileção.

Nossa casa girava em torno de minha irmã: suas qualidades, sua força, seu futuro – que ele já estava traçando.

A mãe queria estar por perto, influenciar o andamento da vida desses filhos que *sobraram*. Era, contudo, como querer sugerir um nome outro, que não Letícia, para a filha primeira. Quando achava a outra filha muito nova para se engajar em tantos projetos propostos pelo pai da menina, ele *desdenhava*.

(...) E os dois riam dela (...).

Eu sou o que deixaram sob o tapete, o que à noite se esgueira pelos corredores, chorando. Sou o riso no andar de cima muito depois que uma criança morreu. Sou o anjo no alto da escada de onde alguém acaba de rolar. Sou todos os que chegam quando ninguém suspeita: saem de trás das portas, das entrelinhas, do desvão.

As pessoas não descobrem, apenas desconfiam. Viram a cabeça um pouco, lançam um olhar disfarçado, mexem-se na cadeira. Ou continuam dormindo, boca entreaberta (...). Eu gosto disso,

de me infiltrar sem ser esperado, sem ser visto.

Eu (...) Menino, anão, duende ou gnomo: um ouvido, uma grande orelha, um olho enorme de pálpebra semicerrada como quem não quer nada, como quem nem quer ver. Mas pela visão o mundo entra e sai, e se armam todas as cenas (...).

Não há saída, não há como escapar de quem assim contempla e controla e trama. Isso devia assegurar a minha vitória. Um ponto desses... Um soco desses... Ataca-nos um “isso devia assegurar a minha vitória”... Assim... no meio de um dia qualquer.

As coisas acontecem em um refervor de conexões; diz (da mãe): (...) sempre que tinha tempo jogava comigo o jogo de esconder. Aqueles eram os meus momentos mais felizes: ficava provado o quanto ela precisava de mim.

Começa com os esconderijos mais previsíveis: armário em baixo da escada... sombras etc.

Depois: *Onde não há nenhum canto bom para me enfiar, levanto em torno de mim paredes de ar. Fico parado no meio da sala, quietinho, fecho os olhos com força, quase nem respiro. Chamo: “Pronto!” e minha Mãe anda ao redor fingindo não me ver. Ela me procura, procura por mim preocupada, onde está (...), onde está? De repente me agarra, me abraça, me abraça com força e a gente dá risada.*

Para mim teria bastado. Mas não sei se bastava para ela.

(...) A Mãe que confirmava o lugar de todos nós não sabia de si.

(...) Tudo é um jogo. Um jogo muito perigoso.

Não vou crescer mais que isso. Não quero ser adulto como esses com suas vidas regadas, podadas, abortadas.

Que está em jogo, afinal?

Está em jogo um constante esforço de entendimento e recolocação, não só de si nas trajetórias a que foi lançado, mas também do que pode um modo de olhar e acessar tempos e travas. Está também em jogo um esforço de entendimento em relação ao que pode esse modo de olhar quando relampeja sem proteção face aos tempos que também e inevitavelmente o acessam.

A exemplo, o narrador-menino é levado a perambular por sítios, cemitérios, sanatórios, um riacho e, mesmo quando o tema, *grosso modo*, ainda pode ser percebido como algo que só o limita na familiaridade, os efeitos desses percursos injetam nele novas problemáticas, novos ares que confundirão.

Numa visita à avó, ele tem tempo, e sua mãe, também. Eles conversam, ele vasculha... *Vê o desassossego dela quando entra na atmosfera daquela senhora-sua-avó – esta que, atualmente, faz face a um desmoronamento de si e de um cotidiano que tentara recauchutar a todo custo.*

As primeiras cirurgias lhe fizeram bem: removeram um traço amargo, um sinal de cansaço prematuro. Depois seu médico lhe disse:

– *Vamos deixar a natureza agir um pouco e o corpo descansar. Não abuse.*

Ela então foi procurar outros médicos, que faziam suas vontades. Desafiando o indesafiável e excedendo seus limites, foi-se entregando à irreabilidade misericordiosa. No começo ninguém entendia bem o que estava acontecendo.

Tomava uma atitude esquisita um dia, em outros parecia a de sempre; sensata; aos poucos foi entrando num carrossel que ninguém sabia como controlar. (...) As ilusões não continham mais o tempo, e o costurado voltava a descoser.

(...) exigia o que ninguém podia lhe dar: o tempo congelado. Aos poucos foi sendo devorada por dentro também.

À maneira de comentário, à parte da narrativa, enuncia ainda: *O tempo rouba e oculta, e armazena: quando pensamos ter esquecido, destila sua baba de seda sobre a nossa alma.*

Meu pai tem um olho só; o outro foi perdido numa queda. Ponta de galho enfiada. Chance nenhuma de recuperação. Então, ele usa uma venda preta. É esquisito, diferente (...). Existem os críticos. Sugeririam um olho de vidro, ao invés da tal venda preta, mas ele insiste:

– Esse sou eu.

Mesmo assim é um homem bonito, caminha mais ereto do que minha Mãe, e dentro de um conjunto de posturas, parece mais jovem do que ela, mesmo tendo mais idade.

O olho que sobrou é azul.

(...)

(...) naquele lugar embaixo da venda tem um buraco que vai dar no cérebro: se a gente tirasse a venda o cérebro escorria para fora? (...)

Talvez meu pai tenha ficado meio louco por causa desse buraco na cabeça.

Minha Mãe diz que ele não tira a venda nunca, só troca depois do banho por outro paninho preto, seco, preso por um cordão esticado.

– Por que não bota um olho de vidro?

Nesse ponto, no menino atuam blocos de indagações e construções. Perguntara isso arrastado pela possibilidade de se tirar um olho, pôr em estojo, adormecer sem...

(...) eu o poderia pegar e brincar com ele feito bolinha de gude. Dormem um sono muito fundo, as pessoas de casa. Menos eu.

Eu então entraria no quarto deles sem ser notado (...) e pegaria aquele olho para mim. E teria poder sobre meu Pai.

Mas ele não quer a prótese, porque faz gênero com essa venda preta, ninguém mais usa, ele sim.

(...) Ele sempre vira o rosto para um lado imperceptivelmente, para ver melhor, para ver de frente. Meu Pai é um homem que encara a vida de frente. Minha Mãe prefere olhar de lado (...) não ter que decidir, ainda não, ou nunca. (Eu tenho olhar oblíquo e de baixo.)

Desconfio que meu Pai também está doido e isso me dá muito medo, porque afinal ele controla uma parte de minha vida.

Quando se aborrece muito ou quando não sabe o que fazer, especialmente comigo, ele se torna violento, o olho faísca e sua mão pesa.

Precisa quebrar e romper, precisa se descontrolar, precisa sair da linha entrar nessa pequena liberdade da sua fúria (...) perseguido por aquilo que pensou enganar e que se acumula (...) como um poço negro e fundo, cada vez mais fundo. Ele se agita (...) joga um copo no chão, grita palavrões, e me dá uns tapas.

Mais tarde, diz o Menino: *Meu pai é muito namorador. (...) No começo não entendia, até que um dia eu vi. Protegida pela minha insignificância eu vi. (...) metendo as mãos nos peitos da cozinheira, e quando levantei os olhos para ele tinha uma cara de louco.*

(...) O olho de meu Pai segue especialmente uma das amigas de minha irmã (...).

– Esse homem não vale nada – disse minha Avó um dia, mas minha Mãe procurava ser solidária (...)

– Você tem implicância com ele, mãe. Esses comentários são pura maldade das pessoas que o inveja, falam mal porque é um homem bem-sucedido.

– Casou com uma mulher rica, é diferente – objeta minha Avó.

Minha Mãe se encolhe, se recolhe, se aborrece. Será que ela não percebe nada? Não acompanha (...)?

(Ou será que decidiu que também tem seu ponto cego: de onde não vê o que é melhor não ser visto.)

Se for para visar a um perambular sensível na já percorrida expedição-narrativa, apreende-se que, nessa trajetória, não são pacatos o recurso e o uso do que viria a marcar um ‘ponto cego’. Ora é esse fenômeno segundo o qual não se vê o que é melhor não ser visto; ora é por esse “sítio” que se pode ver o que habitualmente permanece oculto. É nele que se pecham, então, *possibilidades além da superfície* e o *concreto afirmado na miragem*; de maneira diferente, é também um canal estratégico para tentar manipular o tempo, é uma *malícia*, é o que possibilita o manejar de cordéis – de onde se afirma: não há saída, não há como escapar de quem assim contempla e controla a trama. O ponto cego também se faz como aquele trilheiro a partir do qual se é lançado a um abalo do que outrora fora um bom painel de controle, ou seja, são chispas de pensamento por meio das quais se narra: *isso deveria assegurar minha vitória*; ou ainda: *tentei manipular o tempo (...)* e *ele armou para mim uma armadilha mais eficiente do que minha malícia*; ou mesmo: *(...) Perdi o*

controle sobre minhas histórias, como se agora elas me inventassem (...) Também não pude prever o desequilíbrio do tempo no meu relógio.

Outro arco do jogo diz respeito não só a (re)construções e indagações já contornadas, mas àquele rol de instantes nos quais se está lançado a um estranhamento sem maiores apoios, a uma intensificação esquisita, ao que podemos chamar de *precursor sombrio*.

Tal precursor, entendido como uma mudança de estado, pode ser apontado quando começa a haver um sinal de que as coisas estão saindo de seu “devido” lugar. Ali onde começa um ar de tempestade (que não é bem uma tempestade física); é uma atmosfera toda se transformando; é a condição sem a qual você não perceberia o raio²⁹. Em *O ponto cego*, quem diz isso, por um bom tempo, é o menino.

Estou deitado na rede no terraço dos fundos da casa, no sítio. Começa a escurecer, e nessa penumbra há uma iminência, um aviso, algo vai acontecer.

De repente, vindo de longe, um rumor. O vento se desenrola poderoso, e aquele lamento me fere tão fundo que todos os pelinhos de meus braços e as raízes dos cabelos em minha cabeça ficam de pé, a pele se arrepia mas não é o vento frio (...) é a sensação de um mar levado que insiste (...). Isso eu entendo.

Sabe da vida truncada que precisam sustentar. Sabe também que há esquemas que começam a se fissurar de modo irremissível. Diz que a *vida não é fácil ao lado de um olhar que está sempre avaliando e despachando*.

Meu Pai é controlador, sabe e vê tudo, pesa, corta e divide. (...) Ele decide a existência de minha Mãe, mas não poderá impedir sua mirada. Prevê as vitórias de minha irmã, mas não escreverá todo o destino dela.

E eu?

Meu Pai não sabe o que fazer comigo nem onde me enquadrar – nessa medida eu escapo ao seu controle. Não fecho com seu cálculos, não entro na sua perspectiva.

²⁹ ORLANDI, L.B.L., *Notas de orientação*. 2004. Exemplificando e abordando a concepção deleuzeana de *precursor sombrio*.

As coisas do sítio estão amanhecendo...

Dão-se a nós – na narrativa.

Há varanda até no andar de cima, águas ao longe, um rio com nome e tudo. Dizem as pessoas do local: Riacho do Renegado. Esse tal, seria o diabo que – em noites específicas - agacha-se numa rocha bem na margem do rio, pita seu cigarro e ri, sem mais ninguém por perto.

No sítio eu inventei um brinquedo que me dá alegria: levo a neném da cozinheira comigo para o meu quarto e brinco com ela um tempão. Não há um que escute a transação deles entre os quartos, sei caminhar como os gatos: eu ando no silencio.

Depois de um tempo levo a neném de volta para o berço, e nem a mãe dela percebeu nada. A neném não chorou. Mas eu também não enfio gravetos no cuzinho dela.

Faço carinho, falo com ela, aliso a cabecinha. Acho que ela gosta de mim.

Dela nunca tenho medo, por isso não lhe faço nenhuma maldade. Mas faço muitas outras maldades, isso eu faço.

Nem sempre consigo escapar. Desta vez minha Mãe descobriu algo que eu fiz, e não foi tolerante nem achou graça. Por um momento pensei que também estivesse um pouco louca.

Porque eu tinha botado gravetos no cu do cachorro. Faço isso com os bichos pequenos, as galinhas e o cachorro (...).

Desta vez ela contou a meu Pai, que quis me surrar...

Minha Mãe me encontrou e me bateu com um cinto dele – isso ela nunca tinha feito. Depois largou o cinto e ainda me deu uns tapas. Batia e chorava, e me chamava de peste, demônio, peste de menino.

(...) Não era em mim que ela batia.

Entendo que esteja cansada. Entendo que ande irritada. Pois minha Mãe não pára. Está sempre se sacrificando pela gente, correndo à procura de alguma coisa para fazer.

Naquele dia antes de ela ir para a cama eu me esgueirei até seu quarto e botei no travesseiro uma flor do jardim e um bilhete. Escrevi:

“Minha Mæzinha querida, desculpe quando sou malcriado, (...).

Um beijo (...)”

Será que ela já viu? Haverá lido também a notinha escrita? Será que ela vem dar boa noite? *Quase nem dormi de tão nervoso (...)* Mas ela, desta vez, não foi ao seu quarto, ao contrário de seu costume.

Na manhã seguinte, na mesa do café, ela me abraçou, rindo:

– Esse doidinho aí vive prometendo que vai ser um anjo mas é um verdadeiro diabo.

Não estava zangada, e fiquei muito feliz. Meu rosto passou uns dias arranhado do anel dela.

Nesse grupo de minha família eu sou o mais estranho. Se não fosse por minha Mæ eu nem existiria: seria sombra, bicho, boneco. Finjo que não sei, não vejo (...). Brinco, invento, e também obedeço aos que invoquei.

O menino continua menor; o pai se aborrece com isso, compara com outros da mesma idade. A mãe tem desses olhares que se detêm um pouco, *parece apreensiva, mas logo passa.*

(...) Minha decisão continua firme: não vou mais crescer.

Sei que está dando certo, porque já começaram a se preocupar. O médico que mede minha altura, controla meu peso, radiografa meus pulsos e escuta meus pulmões, tenta animar minha Mæ:

Isso não é nada, toda criança tem fases em que parece parar de crescer. Depois lá se vão, e acabam enormes.

Mas eu não vou ser enorme. Embora na medida isso não apareça meu corpo se modifica, minha pele às vezes não o contém, depois sobra, excessiva e triste. Isso me assusta: e se eu não

conseguir controlar o que desencadeei, se a pele começar a rachar aqui e ali, as carne expostas?

Ele trata bem a mãe, com mimos, cuidados e invenções.

– *Você é minha Mãe cheirosa* – maneira de valorar o seu luxo. Perfumes. *Então ela se alegra, me chama de seu pequenino* – o que me dá certa esperança.

Nem sempre é assim. Tem dias em que nem consigo chegar perto dela, não quer que eu me encoste em seu braço, seu corpo. Percebo que ela não agüenta nem carinho, é como se lhe tivessem arrancado a pele e até a brisa a fizesse gritar.

No entanto, ela se deixa levar por esse viciado caleidoscópio de horas: hora de trabalhar, de viajar, de atender a filha, de ser boa com o marido: *sempre irritado, sempre reclamando de tudo*, hora de ver como está o menino, hora de recomeçar tudo de novo...

“Agenda”, enfim, que pouco liga pra sua pele arrancada.

Mas quando pára um pouco e se concentra em algum ponto que não alcanço, a sua ansiedade se recolhe e ela congela: parece velha e muito sozinha também. Nada que eu lhe possa dar pode abrir o espaço de que ela precisa para respirar.

Em pensamentos à parte da narrativa que desenvolve, o narrador diz: (...) *hora do escurecimento, em que não se divisam bem os contornos, a hora barrenta* (...) *quando sai do lado avesso o povo da penumbra que (...) arma os meus pensamentos.*

Há como compor com a hora barrenta? Com tempos que descarecem de fixidez; com algo outro que não um ideal ascético (há como compor com isso)? O que pode um tal escurecimento?

Há coisas que ninguém saberia explicar: a gente pressente ou desconfia. Escorrem sobre nós como cera derretida: quando esse fogo líquido se firma tudo está confirmado e configurado, e não escapamos mais. A libertação seria incendiar-se outra vez e suportar a dor terrível para que a massa volte a se liquefazer.

Mas esse preço é alto, é caro, é quase impossível.

Quais sentidos transitam por esse “quase impossível”? É inviável tentar formular uma resposta agora. O empreendimento do narrador é o de deixar colocado que *algumas revelações, deslumbramentos, insistentemente, comem, queimam e marcam*.

Os silêncios de minha Mãe são mais densos que os gritos de meu Pai. (...)

Tudo é pior quando escorrega para o fingido esquecimento. (...) A gente não fala. Porque seria abrir um porta muito perigosa.

(Um outro olhar, cruzando com o de minha Mãe, lhe daria forças para derrubar uma dessas portas.).

Ainda no sítio, novos convites, conversas e embarques despertam. Era um dia de leveza no ar. Pai na cidade, distante deles; a mãe, dormindo; a irmã, em outra rede, e o tio Nando propondo a pescaria no Renegado.

– *Vamos (...) Menino? (...)*

– *Deixa de preguiça, você anda muito preguiçoso!.*

Minha irmã gritou do andar de cima, mesmo sem nos ver: – Vá sim, deixa de ser bobo. Eu deixo, pronto, eu dou licença, tá?

No caminho tio Nando fala: – Tem que pescar sim. Não só pensar enfiado nos cantos. Olha de lado e do alto, me analisa. – E tem de nadar mais no rio, sim senhor, faz bem pra sua saúde, tomar mais sol.

Eu não gosto de entrar nesse rio – comento. – Nas vezes em que entrei senti no fundo umas coisas lisas e escorregadias.

– *São pedras com limo, isso não faz mal nenhum e não é sujo, é natural – disse ele.*

Mas minha irmã falou que é o Renegado, o lombo dele bem gosmento lá no fundo.

(...) Tio Nando ri outra vez, sacudindo a cabeça. (...) Começa a botar minhoca nos anzóis. Eu me ofereço para ajudar.

– Você não tem nojo, seu menino da cidade?

– Disso não tenho, não.

(...) rasgo em duas metades, enfiando no anzol enquanto ainda estão vivas e se contorcem e soltam aquele suco...

Nem se encabula o tio Nando, nessa hora seu rosto relaxa, está quase contente, quase feliz. Simpatia é algo intrigante mesmo! É estar também junto com o outro, comprometido com o que se passa num encontro, em singularidades e cautelas em agitação, e comprometido com a raridade de não se estar com a guarda levantada: Estar com ele é bom: voz sossegada, olhar meio triste, a mão leve, não imagino meu tio batendo em ninguém.

Na família, se comenta que ele não gosta de trabalhar, que esteve muito doente, teve uma crise.

Isso tudo se fala em família, mas quando pergunto dizem apenas que trabalhava demais e ficou muito cansado.

Está o menino em uma incomum quietude:

– O que você pensa quando está tão quietinho?

– Eu queria entender essa voz no campo.

– Voz no campo?

– É. Tem dias em que alguém, alguma coisa, fala ou canta, e essa voz vem vindo por cima do campo, no capim...e eu acho bonito.

Ele me encarou, pareceu gostar dessa minha idéia, e disse:

– Esse menino sabe das coisas...

– E o senhor, tio, em que pensa quando está assim distraído e triste?

– Você me acha triste, é? – É... E perguntei: Tio, o senhor é doente?

Ele não pareceu estranhar, era como se tivesse chegado a hora.

– Por quê?

– Porque ouvi sempre falar que... um dia o senhor teve um desgosto. E que não vai muito ao escritório, vive sozinho aqui no sítio.

Ele dá um sorriso...

– Seu pai deve dizer que eu sou um vagabundo, não é?

Isso eu não respondi(...)mas ele não pareceu se zangar. Voltou a contemplar as águas, a outra margem, a pedra do Renegado, e começou a falar.

– Minha vida não é propriamente uma história para crianças, mas (...).

– Um dia eu tive mulher e filho, um menino meio parecido com você, sabia?

Afinal nem é de estranhar, ele era seu primo.

– E onde estão eles? (...).

– Morreram. Os dois morreram.

Disse isso como quem experimenta falar numa língua estrangeira. Desconfiei de que meu tio Nando tirava isso do bloco dos assuntos não-tocáveis – nunca conversava(...) com ninguém.

Não se pronuncia o que não tem nome(...).

Nesse território a gente fala baixo, esse umbral se atravessa descalço, (...) a gente respeita. (...) Minha pele foi-se arrepiando como um vento frio, (...) coração bateu dobrado(...).

– Era pequeno, um bebê – ele retomou o fio, mas não pronunciou o nome da criança. Minha mulher veio tomar banho neste rizinho. Tinha chovido dias antes, a correnteza estava forte. Eu

estava na cidade trabalhando, só um empregado viu tudo de longe. Ela entrou na água com o menino nos braços, e brincava saltando e rindo, e de repente... de repente sumiu.

– *Quando chove essas águas mudam muito, são perigosas.*

O tio então se levantou de um salto, pegou o caniço, e quando começamos a voltar para casa finalmente terminou a sua narração.

– *Foram achados no fim do dia, longe daqui.*

(...) dessa viagem não se volta inteiro. Diz isso ao olhar o tio, ao pensar, ao sabê-lo nadando nas águas também daquelas mortes.

(Depois desse dia eu me interessei muito mais pelo Riacho do Renegado).

Há momentos em que nos defrontamos com o tilintar de transpassagens.

É quando, em intercalações de luz, silêncios, passeios, conversações e sombras, uma indizível atmosfera de despersonalização nos acompanha também. Mesmo que de tudo isso se capte tão-somente um gesto, um corpo movimentando a mão e um copo de uísque que deixa incidir diferentemente uma certa luminosidade de um fim de tarde.

Mas é preciso que uma questão nos assedie e não deixe de desencadear um “faro” diferencial. É como se perguntassemos o tempo inteiro: como sustentar uma delicadeza de faro e de trato que comporte a emergência de sondagens, contágios, gestos, investidas, sustentações e (des)entendimentos intensivos, ali onde as coisas parecem ser colmatadas, a princípio, por uma narrativa ‘familiar’?

Em um bom acompanhamento, o tio Nando diz: *Há milhões de anos isso aqui era tudo mar.*

Faz um gesto, copo na mão, o uísque reluz dourado no último sol. O gesto abrange a casa, o campo e mais além.

– *E como é que você sabe? (...)*

– *Sabe porque cavando um pouco aqui se encontravam restos de conchas, coisas do mar. Mais tarde fizeram escavações e pesquisas, e viram que realmente aqui, (...) era fundo de mar.*

Meu tio me encara:

– *Você nunca ouviu falar?*

– *Nunca.*

– *Mas outro dia você falou na voz no campo, e eu pensei... Então nunca ouviu contar a história do vento do mar?*

A partir de então, os resquícios proliferam mesmo: *a cozinheira ou o velho que cuidava do jardim, comentava sobre um vento (...). Talvez falassem em vento do mar, mas eu não dei importância.*

Meu tio endireitou-se na cadeira, agora estava animado, me levava junto na sua viagem (...).

— *Pois as pessoas do lugar falam muito disso, no vento do mar. Em algumas épocas do ano, de madrugada, ouve-se um barulho de ondas, e até o ar começa a mudar. Pois aqui um dia estava tudo coberto pelas águas. (...) E, porque não sabe que aqui não tem mais mar, aquele mesmo vento antiquíssimo volta. Vem chegando, vem vindo, com vozes e ruídos diferentes. E as pessoas dizem: é o vento do mar.*

Essas imagens de vento despertam, no menino, uma inclinação. *Desde que tio Nando me contou isso gosto muito mais de me sentar sozinho na varanda. Porque às vezes ele vem, esse vento do mar, e com ele o bramido (...) o cheiro (...) e as lembranças que não são minhas (...).*

Como driblar um poder de manejar cordéis por foco e força de uma consciência — com seus exercícios de personalização próprios — com algo que componha outras e novas forças ao tentar se haver com a vida, com entrelaçamentos estéticos outros?

Deleuze, cuidadosamente, alerta: *Pensar em termos de acontecimento não é fácil; investe... mostra.... lembra um ‘faro’ estratégico :*

Fazer um acontecimento, por menor que seja, a coisa mais delicada do mundo, o contrário de fazer um drama, ou de fazer uma história. Amar os que são assim: quando entram em um lugar, não são pessoas, caracteres ou sujeitos, é uma variação atmosférica, uma mudança de cor, uma molécula imperceptível, uma população discreta, uma bruma ou névoa.³⁰

Ganha um presente do tio Nando. É *muito original: um caixa de papelão com bichos-da-seda dentro, sobre folhas de amoreira que eles roem, roem sem parar. (...)*

É a coisa real mais estranha que já possuí (...) Lá estão, silenciosos, devorando folhas para delas fabricarem seu rio de seda.

(...) o levíssimo rumor dos vermes pelados e moles devorando folhas e secretando o que seria amarrado em tramas e nós.

Não adianta correr nem se debater (...) o tempo come as beiradas da gente, corta e recorta e rói,

³⁰ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad.: Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998, p. 80.

cobre e recobre...

Até essa época, o sítio do menino tinha dessas surpresas, presenças... A vida opera, porém, outras tantas surpresas e riscos e naufrágios também. Existiriam fissuras, inclusive em redes de sustentação importantíssimas para alguns. Talvez isso seja triste.

Desde que a nova namorada o deixou o meu tio envelheceu muitos anos. Já não conversa direito, nem quando bebe demais.

Às vezes quando quero puxar assunto ele só passa a mão no meu cabelo (...)

– *Fernando, você tem de reagir.* Assim eram o pulso e a voz do irmão.

Queria vestir com força de imperativos o arranque necessário àqueles que, por um ponto ou por outro, se deixaram baquear num trajeto: (...) *você ainda tem uma vida pela frente, mano, pare de se destruir.*

Tio Nando murmurou palavras que não consegui entender... meu tio parecia estar desinteressado, com sono.

Mas meu Pai não desistia facilmente, tinha de controlar até mesmo a dor do outro (...).

– *Eu não sofri também uma tragédia e me recuperei? Retome a sua vida e seu trabalho, sua sala na empresa continua lá. Você tem seus amigos, a família. Procure ajuda. Ou faça uma viagem, não lhe falta dinheiro para isso. Ou namore! Você está em plena forma, e fica aí (...).*

Mas tio Nando ainda (...) não parece ter vontade de esquecer.

Ocorre de não adiantarem chacoalhadas rationalizantes nessas horas. O que tanto nos agencia quando a marca que mais chama a atenção e nos marca é a de uma descrença?

Instaura-se uma lógica em que há uma discernibilidade mais intensa – na apreensão das relações e das coisas do mundo etc. –; no entanto, esta subjetividade assim também sente estar se esgarçando a capacidade de preensão dos múltiplos que lhe pertencem e aos quais pertence³¹. Isso é estranho e raro de ser dito, mas não é raro de acontecer.

³¹ DELEUZE, Gilles., GUATTARI, Félix. *Mil Platôs.* Vol. I. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 49.

Temporaliza-se ali aonde, mesmo havendo um desassossego povoado e vital, deixamo-nos capturar por qualquer coisa de morte, desabamos um pouco, algo de uma guerrilha menor em nós parece não aparecer, um choro dali nem mais se desvia – quando há de se dizer que aquele limite ou uma tal finitude está mais para intransponível³² do que para qualquer outra coisa.

³² NEGRI,T. *Exílio – seguido de valor e Afeto*. São Paulo: Iluminuras, 2001, p. 52. O autor tematiza coexistências e travas de uma possível transpassagem, como se vê no trecho ora transscrito: “A quantidade ontológica de ser, determinação do possível, torna-se então, fundamental. Na morte de Félix, houve algo que correspondia a todas as conversas que tivemos: eu era muito polêmico com ele; era uma exasperação de vida à impossibilidade de ultrapassar o término, a finitude, o limite. Félix Guattari enfrentava uma crise (...). Ao mesmo tempo mantinha diante de tudo isso o total otimismo da razão que era o seu. Foi dessa maneira que ele desabou: eu o vi chorar – também eu chorei – dizendo que não conseguia mais e que aquela finitude, aquela determinação negativa eram intransponíveis. Era um desafio ao qual se havia lançado e ele desabava. Todavia, Félix é eterno. Acho que ele foi uma das pessoas com mais presença, alegria e facilidade para recuperar os espíritos vitais que há nas metrópoles, com mais capacidade de gozar das coisas vitais que seus amigos lhes passavam: uma das pessoas mais belas que já conheci. Mas houve esse momento de desespero e ele deixou-se capturar pela morte. É uma contradição entre essas duas coisas de que falávamos (...).”

Depois, diziam os ajudantes do sítio, ele havia gritado e quebrado tudo. *Feito louco...*

Meus pais vieram em plena madrugada com um médico. Encontraram meu tio amarrado com tiras de lençol, contido por dois empregados, rouco de tanto gritar. Foi medicado, foi internado, foi tratado.

Meses depois reapareceu, calmo – talvez calmo demais. Resignado – talvez resignado demais. A luz que por algum tempo voltara a brilhar para ele não voltaria a se acender.

Agora, o narrador trata das violências e violentações das tramas: ora é o pai que manda destruir qualquer lembrança da Letícia, ora o tio que quebra coisas e mantém consigo uma corda, pronto para se enforcar caso não estivesse detido. Depois, a internação, unicamente anestesiante.

Quanto aos filhotes dos bichos que ele pega, ele se põe a arrancar a cabecinha deles, num único puxão. Boto as cabeças enfileiradas ao lado do que sobrou deles.

Ninguém nunca me pergunta nada, nem querem saber se fui eu. Ouço conversas abafadas, depois minha Mãe vem e me abraça longo tempo, por cima de minha cabeça sinto sua respiração funda, ela tenta se controlar.

Mas ninguém me acusa de nada: ainda por cima, ando fraco e cheio de problemas. Meu corpo está mais fraco e mais frouxo, já não sou o Menino de antes. Meus dentes ficaram amarelados, caminho arrastando os pés. Alguém está me desinventado?

(...) isso, mesmo aqui do meu ponto de vista eu nunca saberei medir.

Ele entende que é *ao peso do tempo sem controle* que um corpo ou uma vida *implode...* ou *rebenta*. Como se precisasse, agora, mais do que tudo, lutar pra anular esse tempo sem controle, para então conseguir dar uma cartada final vencedora.

Sei que está chegando a hora, alguma hora: porque já não sou criança por dentro. Vou me abrir como uma fruta podre, a pele rachando.

Estou condenado.

(...) não tenho a quem chamar.

Diz ainda, à parte: (*Preciso me decidir(...). E vou me decidir, logo, ah, vou.*). Por um fio, um faro: “*Se descubro o lance perverso da jogada, quem sabe eu consigo sobreviver*”³³

Aquele *fim de semana no sítio* *começou como qualquer outro*. Ele, sentado junto à mesa de jantar sobre almofadas – seu tronco, curto para oito anos. *Meu coração, vidro derretido. Nada descia até estômago. Fingi beber leite enquanto tentava escutar dentro de mim o galope antecipado.*

O que seria? O que viria? O que pendia no ar (...)?

Quando o carro se aproximava botei a mão neste meu peito magrinho: o coração pateava. Quem era esse que estava chegando (...)?

(Esse eu não queria ter inventado. Esse personagem transbordava da minha fabricação.)

Entrou na sala e parou, um rapaz comum, nem feio nem bonito, (...) em seus calcanhares vinham muitas sombras agitadas (...). São passos de uma desarrumação.

Antes disso, descortinam-se novos ânimos e sensibilidades: a irmã, agora já com ares de mulher, brinca com o narrador como há tempos não se permitia. Ela pede que ele trate de nada fazer de esquisito. *Promete? Prometi.*

Quase parecia bonita de deslumbramento por esse visitante a quem ela chamava de namorado; deixava seus tons de arrogância de lado. Sua mãe observava a movência, ambas encontravam-se nessa vereda (...). Já o pai desviava o olhar como se não pudesse acreditar naquela transformação (...).

Mas quando o visitante se aproximava, tudo começou a se desalinhavar, como dentro deste meu corpo. É que certos instantes começam mesmo a dar sinal de recriações por vir e fluxos-surpresa. Nada a correr bem com as ondas previamente possíveis, digeríveis; (...) as águas do riacho correram em direção invertida (...).

³³ LUFT, L; *O Ponto Cego*. São Paulo: Mandarim, 1999, p. 129

Entre capítulos é colocada tal citação de um outro livro de Lya Luft: *As Parceiras* Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

Minha Mãe e o Moço se olharam pela primeira vez (...).

O pai mantém a mínima educação necessária. No mais, não dá o braço a torcer. Não se mostra receptivo, examina *de alto a baixo*.

(...)

Nos dias seguintes mostraram ao Moço o sítio, o riacho, as frutas, as varandas (...) redes.

(...) *Minha mãe, andando pela casa, cuidava de suas tarefas (...).* Mas não conseguia mais manter movimentos apaziguados. Não se percebia, a princípio, qualquer rastro claro de alegria nos efeitos das cenas; havia sobretudo estranhamento.

Fazendo tudo isso ela por vezes cerrava os olhos curvando-se um pouco, como se seu ventre estivesse doendo.

Aquele foi o ponto proibido. E prosseguia com intervalos, depois continuou o tempo inteiro e sempre, e se tramava e se bordava e se estudava e se manejava dia e noite até quando as pálpebras baixavam

Minha Mãe e aquele Moço, quando não se viam se olhavam. Quando não se tocavam, se roçavam. Nesse ponto de cegueira os dois se perdiam de nós (...).

Será que essas coisas se percebem? *Só quem fosse cego não notaria, e mesmo que fosse cego teria de perceber pois escorria entre eles dois um mel, e aromas – não havia como não sentir.*

(...) *Ninguém soube na hora, ninguém na verdade nunca soube com todas as letras, mas foi assim. Diz aí, então, que foi perdido dela; (...) naquele dia e nos próximos dias, sempre que me escondeu ela não procurou por mim.*

A Mãe e o Moço. E os olhos deles!

Meu Pai, tão cioso da sua propriedade, sua posse e sua presa, dessa vez ficou cego. Vivia numa perspectiva de onde não se enxerga (...).

Pois não parecia ligar (...).

Mas ligar-se a quê, em quê? Como coloca o narrador, *concretamente nada havia: nem um beijo, nem um descaramento, nem um toque a mais.*

Só os fios da necessidade deles...

Quanto à irmã, seus olhos iam-se acostumando à poeira cintilante em que os outros dois estavam mergulhados, e começou a entender: ela nem existia mais. Logo no terceiro dia estava outra vez mais tesa e mais tensa, mais angulosa: um sorriso fixo simula o que, ora em estranhamento pausado, ora num descrédito, ela escolhe por postergar. O menino, mais adoentado de alma...

E aquilo me doeu como se me furassem as tripas com um faca (...), sete facas varando o meu peito ineficiente.

É de uma urgência mesmo ter pulso, eu precisava ordenar, precisava retomar o controle. (...) Pois eu sou o narrador.

(Porém pode acontecer que dos espaços inocentes brotem formas que multiplicam os significados e tomam a si as decisões: não percebi isso, eu estava cego. Dei os nós mas não podia prever que alguns deles nem o Demônio poderia desatar.)

E quanto ao moço?

A princípio, (...) se portava como um simples namorado: andava quase sempre com minha irmã, ela o levava por toda parte, fechavam-se, trancavam-se, respiravam forte e falavam baixo. A casa estava povoada de cheiros inquietantes. E havia silêncios.

Depois, foi tomado por ares de desassossego. Mas isso foi depois....

As altas miradas avaliativas do pai do menino não alcançavam a sutileza de um lampejo movente numa mulher. *Mas minha Mãe ia-se transformando; virava a cabeça mais devagar, olhava mais distraída, levava a mão ao peito como se sentisse dor. Eu tinha vontade de chegar perto dela, pegar nos braços, gritar (...).*

Sem aviso e sem prévios sinais, sua fala adquire um faro certeiro: Minha mãe e o Moço concentravam-se no ardor deles que tudo contagiava, espalhando-se em uma estranha agitação na casa, no campo, nas pessoas que se viam diferentes.

Durante a estada do Moço várias vezes tentei conferir os meu poderes: inventei um esconderijo e chamei por minha Mãe, mas ela, mesmo sentada perto com papéis no colo, não escutou; se escutou não deu importância; se deu importância nem conseguiu se mover.

(...) Aquilo me escapava, ali eu não tinha direito nem voz, acontecia sem minha intervenção (....)

Mas eu sofro tudo na carne (...).

Mesmo que em alguns momentos ficasse muito séria com se refletisse em gravíssimas decisões e inevitáveis sofrimentos, ela desabrochava; na presença dele abria-se em flor.

Embora falassem apenas assuntos banais quando havia gente perto, nunca o riso dela fora tão pronto e natural; nunca andara tão ereta, nunca eu a vira tão jovem.

Era como se tivessem removido dela um superfície dura, um películas que a limitasse, que lhe tirasse um movimento fluido – agora liberado.

Estava mais bela do que nunca – e nessa nova forma distanciava-se de mim.

Uma espécie de insônia faz com que esse moço saia. *Se meteu no campo; depois andou e andou, e lá pras beiras do Renegado.*

E o Moço nunca mais foi visto com vida nem inteiro. Apesar de se fazerem buscas qualificadas, não foi encontrado morto; procuraram, reviraram, chamaram, mandaram investigar e revolver.

Ele simplesmente desapareceu. Família de volta à cidade: a menina no quarto; a mãe, bem junto, sentava-se ao lado, segurando sua mão. O menino é jogado para escanteio. Ele, que ainda conviveria com a irmã por um tempo, sabia-lhe tomada por águas de um riacho envenenado sem desembocadura, sem mar que o aliviasse.

Ninguém sabia, ninguém entendia (...); ele sim: ouvi um rumor dos cascos impacientes, o rufar

das asas (...), o relincho que se anunciava (...) a rara montaria.

Quando andava pela casa tinha jeito de quem também houvesse ido embora, a mãe.

Ninguém tinha tempo para cuidar de mim, da vista fatigada, do passo curto, das alterações cada vez mais evidentes. Para mim nada fora resolvido.

A irmã decide fazer uma viagem pra longe.

Meu pai a quis acompanhar mas ela lhe disse não, gritou bem alto e se ouvia pela casa e na rua:

– *Não! Você não vem comigo, não! Me deixa! Me deixa!*

E ele pela primeira vez controlou a voz e não encarou de frente, e se curvou(...).

Minha mãe ocupava-se desenredando os fios todos da sua decisão.

...Falava muito ao telefone quando meu Pai saía. Não investia tanto nos negócios, nas obrigações e tarefas, nas visitações a sua mãe, no script ali seguido.

Algum tempo depois foi embora. Foi tão singelamente com se essa partida fosse apenas uma etapa de uma viagem há muito iniciada, mais uma estação onde se troca de trem.

Despedidas, cartas, bilhetes, chantagens? Não teve disso. *Telefonemas a meu Pai, sim.* Inicialmente.

Meu Pai ficou feito doido, botou meio mundo à procura (...).

Aos poucos foi-se acalmando – ou fingindo que.

Acho que na sua cabeça minha Mãe voltaria, em breve ou algum dia, (...) ele não podia imaginar que (...) tinha mesmo disparado pela vida num caminho só dela.

Minha irmã um dia retornou sem o luto, mais fria, mais dura, e assumiu muito trabalho na empresa.

Era para fazer de conta que nada ocorreria, *mas isso nem era novidade. O Moço ter morrido ou não, isso deixou de interessar, foi varrido e metido em muitas frestas de silencio e mentira.* Agiam como se a mãe estivesse fora para descansar.

Mas os meses se arrastaram (...).

Nem retratos dela existem nessa casa, alguém recolheu tudo.

Só eu tenho alguns escondidos no quarto, mas sei que um dia não vou mais lembrar direito do cheiro dela, da voz, das mãos, do jeito de andar...

No começo chorei (...). Fiz muita cena, não dormia nem comia, gritava, queria saber onde ela estava e quando voltaria, queria minha Mãe. Ninguém me fazia um carinho, ninguém jogava comigo. As Tias se prontificaram a cuidar dele e iam mesmo até a casa. Mas não era a mesma coisa, não era o colo, não eram o perfume e a bondade dela.

Viajou – disse meu Pai – e não adianta chorar.

Ela estava exausta, (...) precisava deste descanso, ela trabalha demais. Quando você menos esperar ela volta. Afinal, aqui é a sua casa.

Mas eu sabia que não era, não era mais.

(O Moço afinal tinha morrido?)

Meu Pai concluiu, furando-me com seus dois olhos azuis, a agressividade de quem sente o chão pantanoso mover-se sob seu pés.

E pode acabar com essa manha, pode esquecer os seus ataques que não me impressionam nem um pouco. Ela volta. E afinal, você não é mais um bebê. Quando vai crescer de uma vez? – acrescentou.

Senti terror de estar reduzido à presença dele (...).

No fundo do corredor, um espelho reflete alguém caminhando. Passos curtos, *corpo mirrado, olhos de pássaro, nariz adunco. Está quase calvo. Sou eu, sou eu esse que aí vem apoiado no braço de uma das Tias!*

Meu Pai, quando olha para mim, rapidamente, é com um ar acusatório – como se eu tivesse algo a ver com toda a sua longa lista de perdas, desde tão antes de eu nascer; com o desmoronamento de sua ordem, e com a sentença perpétua que caiu sobre ele.

Estou cansado demais para chorar.

As engrenagens que pus em movimento assumiram o seu ritmo fora do meu controle e compreensão. Sentaram-se na direção da máquina e ficam moendo, moendo, riem feito loucas: se eu meter o dedo ali mais uma vez, serei estraçalhado.

Então, atua, vez ou outra, um certo saber: escapes de vida e saídas podem, inclusive, mostrar-se fugidias demais quando nossa perspectiva é a de alguém que em si põe em movimento as engrenagens e fluxos que nos envolvem e compõem.

Derrapa-se aí. Fluxos não são propriedades nossas.

Impossível narrar melhor, pois estou sendo desmontado, desenrolado, destronado e relatado como jamais pensei. Se eu pudesse apagaria esta história e começaria a sair da minha pele, nascendo mais um vez como fazem os bichos-da-seda depois de cada sono. Mas não diviso a saída nem tenho mais forças.

“Que valor determina tal escolha, uma vez
que não pode haver escolha sem valoração?”³⁴

Como atravessar um naufrágio que, em sua composição, tem valorações-resgate, recauchutagens, operações de evitação de faro e cerração de forças? Essa forças seriam, justamente ali, essenciais, a ponto de reverter a seu favor imperiosos ventos, laços e encontros.

Examino bem de perto as mãozinhas engelhadas que deram os nós (...). A pele está seca: o tempo

³⁴ GIACÓIA, J.O.; *Labirintos da Alma – Nietzsche e a auto-supressão da moral*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997 p. 133.

se deposita nela como uma fina poeira de cinza e morte.

Em *off*, pensa na Mãe, que com *audácia e dor(...)* busca (...) *foi viver(...)*. Ao *chamado da vida...*
Disse – Sim.

III – Conclusão

Duas ou três considerações de percurso

*Nosso problema é este: fomos atraídos por um enorme perigo: o de levar **fragmentos literários** a um jogo difícil. Explícita ou implicitamente, participam desse jogo **algumas idéias** e aquilo que poderíamos chamar de intensificações da subjetividade.*

ORLANDI

As idéias impulsoras que se presentificaram neste processo de pesquisa, a movência em desejo e os rastreamentos expostos passavam sempre pelo seguinte crivo: como delinear uma delicadeza de análise? Era assim que precisávamos explorar o encontro dos movimentos das palavras e tramas com a passagem de intensificações de agenciamentos subjetivos.

Eram esses os flashes ‘orientadores’ em um ‘jogo’ no qual, mais que idealizações ascéticas ou quadrelas asseguradoras – nos campos psicológicos e literários -, mais do que repetições formais de conceitos, alojavam-se, por entre o jogo, apoios nômades e escorregadios que foram conquistando, no estudo, um mínimo de consistência de percurso sensível.

O esforço deste apoio passageiro, segundo Orlandi, precisava estar nesse fluxo de contágios. Esse fluxo se movimenta por modalizações de um encontro muito singular; o encontro de alguns ângulos pulsantes: um, que era o campo de construções desta literata; outro, o de idéias, e ainda aquele ângulo que joga, com transpassagens nossas, a novos afectos e perceptos, portanto a novos modos de sentir e perceber.

Neste modo de ‘jogar’, algo reverbera, cintila e alerta. A aparição dessa potência de intensificação pode transpassar componentes, personagens de um encontro e também a nós mesmos³⁵, embora não seja transcendente a eles ou a nós.

³⁵ Pois não é reduzido à composição empírica deste ou daquele componente objetivo e nem ao efeito deste ou daquele poder subjetivo; assim traçados intensivos ultrapassam tais elementos em si.
ORLANDI, Luiz B.L. Notas de Qualificação.

A idéia de consistência deste trajeto-em-tom-de-escrita-e-estudo só se daria a ver se o entendimento de “potência de intensificação” estivesse encarnado, “trans-faro-ado”... Enfarofado... por todos os poros.

Caso contrário, seriam impossíveis lances e sutilezas, também clínicos, se darem a nós por meio destas obras; por mais disparatado que possa tudo isso parecer a princípio.

Por quê? Porque no contato mais destrinchado com as personagens e suas perambulações, desenrola-se também em nós o baque que é uma apatia que lhes intersecciona, assim como um cansaço e um descrédito, uma esquiva e, até mesmo, uma espécie de escassez de redes de sustentação, isolamentos sutis, afastamento de experiências mais vívidas, vontade de ilusão e também um lamento... interseccionando-lhes...

Como é que vetores de intensificação e lances-saídas para a vida, que revelam um aumento das potências de agir e de pensar, agüentam-se aí – em meio a tanto desmonte? Trata-se de um entendimento sempre desafiador; aliás, que pouco se aquietá nestas pinceladas, ditas ‘finais’.

A questão é a seguinte. Se ainda há insistência de um trisco desejante que nos impulsionaria a diferenciações – quase impensáveis de antemão –, dizem que é preciso olhar mais uma vez... uma trama ou um caminho... um estilo... um grito... uma fala³⁶...

...Meio que... desafiando... como que... para ver se nos impulsionamos melhor a visões ou faros que precisam ainda se arranjar em consistência. Cumpre compor com nossa potência de entender, mesmo que por nômades ou moventes blocos.

Dedicamo-nos a perambular por entre os impasses nos processos de instalação de mais vida no espaço de vida das personagens convocadas. Era para chegarmos em empreendimentos de um dizer próximo de combates clínicos – desses que desatam nós, que jogam com escapes e expressões singulares de insistência em uma vida interessante em termos de quantidades intensivas nas seleções de encontros.

Mas é que um ‘dizer’ aqui, fica mais confuso que conclusivo. Um lance de dados que visaria um certo entendimento, para lá de estranho. Quanto às personagens, escapa-lhes um jeito de se ajeitarem. Em nossa boca, um gosto também estranho se complica... Nelas, esticam-se apostas, riscos, mancadas, lances – que também visam a um modo de escapar... Uma busca por saídas e

³⁶ PELBART, P.P. Notas de qualificação. Março/2005.

novos esquemas de se movimentar na vida. Algo em nossa boca não deveria amargar unicamente; amargar por conta disto mesmo ou por conta de um dado não-saber em nós...

Afinal, não existem, neles, invenções e tentativas em procura por movimentação? Haveria tempos em que isto não basta? O realismo atroz é que o jogo é complexo mesmo, e não há nada de mais ardiloso e prudente a fazer a não ser estar à altura dessa crise.

Graus variáveis de naufrágio imanentes a graus variáveis de convalescência: talvez uma complicação clínica.

Por um pouco mais – na ‘carta’

‘Lya’, não sei o quanto conhece da trajetória de Gilles Deleuze, mas há, entre tantas, uma boa entrada que, além disso, comporta a urgência com a qual acontece esse atravessamento-carta

Uma vez perguntam³⁷ a ele: – (...) já lhe aconteceu de sentar-se para escrever sem ter idéia do que vai fazer? Se não tem idéia, o que acontece?

Ao que a criatura responde: - *Se eu não tenho uma idéia, não me sento para escrever. O que pode acontecer é que a idéia não esteja precisa...*

A fala se adensa quando continua: [o que pode acontecer é] *que ela me escape, que eu tenha buracos de memória. Eu tive e tenho esta dolorosa experiência, sim. As coisas não fluem. Idéias não nascem prontas. É preciso fazê-las e há momentos terríveis em que se entra em desespero achando que não se é capaz.*

– É a expressão ou a idéia que faltam? São as duas coisas?

– É impossível diferenciá-las. Será que tenho a idéia e não consigo expressá-la ou não tenho idéia alguma? É tão parecido. Se não consigo expressá-la, não tenho idéia. Ou me falta uma parte da idéia, pois ela não chega inteira. Ela vem de partes diferentes, de vários horizontes. Se falta-lhe um pedaço, ela é inutilizável.

‘Lya’, se ponderarmos minimamente, a vontade de arranjos precisos na rede de idéias, em Deleuze, não se faz funcionária de utilitárias políticas de subjetivação, nem mesmo coopera com capitais dispositivos de controle.

Não foi esse o critério de avaliação, na observação deleuzeana, para que um lance de idéias seja encarado como utilizável ou não. É nessa esteira que a tentativa de pensar tem se dado também aqui.

³⁷ BOUTANG, P-A. (org.); DELEUZE, Gilles. ; PARNET, Claire. *L'abécédaire de Gilles Deleuze*. Paris: Montparnasse, 2004 (DVD). Todas as citações de Deleuze presentes nesta conclusão remetem a essa entrevista. Utilizamo-nos da tradução de Tomaz Tadeu da Silva.

Seria cada vez mais insistente e importante o investimento, não só em criar redes de consistências, mas em, com elas, aumentar a potência de compor e agir e pensar e escapar e driblar, o máximo possível, as zonas de desamparo e de tristeza. São exigências para que fluxos de idéias em bons encontros instaurem-se mesmo onde não se pode brincar com bambeamentos tristes.

A construção de uma idéia utilizável seria isto: uma exigência, uma saúde, uma alegria – a intensificação de um modo de viver; em muitos momentos e casos.

Pensar... construir e, ao fazer isso, deixar-se inclinar – com outros faros e em novos fluxos que se nos apresentam – a insuspeitadas saídas, desbloqueios e prudências.

Diz ele, ainda: *Quero dizer que a alegria é tudo o que consiste em preencher uma potência.* Sentimos alegria quando alguma potência se efetua, preenche-se. *Voltemos aos nossos exemplos: eu conquisto, por menor que seja, um pedaço de cor. Entro um pouco na cor. Pode imaginar que alegria é isso? Preencher uma potência é isso, efetuar uma potência.*

Driblar, neste contexto, as zonas de tristeza passa sobretudo por nossa ligação com um outro apontamento de Deleuze: *E o que é a tristeza?*

É quando estou separado de uma potência da qual eu me achava capaz, estando certo ou errado.

“Eu poderia ter feito aquilo, mas as circunstâncias... não era permitido, etc.”

É aí que ocorre a tristeza. Qualquer tristeza resulta de um poder sobre mim; e este separa as pessoas que lhe estão submissas, separa-as do que elas podem fazer. (...) O poder é sempre um obstáculo diante da efetuação das potências. Eu diria que todo poder é triste. Mesmo se aqueles que o detém se alegram em tê-lo. Mas é uma alegria triste. (...) Mas a alegria é efetuação das potências. Eu repito: não existe potência má. O tufão é uma potência. Alegra-se na alma, mas não por derrubar casas, mas simplesmente por ser. Regozijar-se é estar alegre pelo que somos, por ter chegado onde estamos. Não se trata da alegria de si mesmo, isto não é alegria, não é estar satisfeito consigo mesmo. É o prazer da conquista, como dizia Nietzsche. Mas a conquista não consiste em servir pessoas. A conquista é, para o pintor, conquistar a cor. Isso sim é uma conquista. Neste caso, é a alegria. Mesmo que isso não termine bem, pois nestas histórias de

potência, quando se conquista uma potência, ela pode ser potente demais para a própria pessoa e ela acaba não suportando.

Em tempos de naufrágio, essas colocações agem em nós de modo intrigantemente confuso. Aqui não caberia mais tanta confusão.

Seria parte do *script* final saber conectar os capítulos, não é mesmo?

O problema é que arranjos pedagogicamente acadêmicos ou figurativos-interpretativos pouco atiçam, e, em nosso percurso, não intensificam nem mesmo uma carta simples, quanto mais uma espécie de virtuosismo que ora também precisa se movimentar. Caso contrario, sabemos: alegria não desponta por essas bandas.

Enfim, também não atiça “ficar” em idéias - ou quase-idéias - que seriam inutilizáveis justamente por conta de uma ausência de conexões, na medida do possível, consistentes.

É hora de farejar:

...farejar personagens-escritores, narradores-atores-escritores, dançarinos-passantes-orientandos-orientadores-escritores... As tantas tentativas de navegação desta móvel mescla de trejeitos e cintilações que, neste estudo, mostram-se gravitantes.

Mas isso a gente já decidiu vasculhar, não é não, 'Lya'? Foi assim já, a proposta, em tantas e tantas vezes...

E mesmo, e ainda... neste atual traço conclusivo, é só se deixar flertar por jogos de força outros para que tudo jorre e se desmonte. Ou seja, para que os 'mesmos' percursos e personagens apresentem novas combinatórias para as tais referências em “indicações”, apostas de vida, saída e cuidados necessários.

Considerando também essa complexidade clínica, fica o seguinte a se pensar: Quais ressonâncias nos seriam boas, no sentido de prudentes e possíveis? Como, com os capítulos anteriores, compor

algo do qual nossa vitalidade poderia, em acessos clínicos, se utilizar?

Eu tinha tanta vontade de ser um fantasma arrepiado e ficar atrás das pessoas que estão pensando junto de uma mesa e soprar um ânimo, uma palavra. Agora já estou em “transe” de novo (...). A você eu diria, com se fosse sou próprio pensamento: como é bom trabalhar, como é bom construir, etc.

Mas acho que também faria brincadeiras, esconderia coisas e riria dentro das pessoas: as pessoas iriam dizer: não sei por que estou rindo!

Clarice Lispector

Está bem! Você está certa! É a sua obra que está em questão, ao menos no campo literário, não é, 'Lya'? Mas é que nessa altura do campeonato, não tenho mais pulso para negar atravessamento, transe ou sopro algum!

É!

Exatamente, 'Lya'!

Esses mesmos poderiam se compor com nosso campo afetivo. Também tem o seguinte toque. A seleção é: Investir no que potencializa, não em um exercício de personalização estancado nele mesmo, mas em movimentos e trajetos que já não sejam derivações ou extensões de "Lya Luft", "Clarice Lispector", "orientador", "orientando", ou tal ou qual pensador para a clínica, para a filosofia, para a literatura etc. Investir no entendimento de um mapa de intensidades em nós, levando em conta uma distribuição de afetos que sinaliza a quantas anda este mapeamento.

E de lambuja, 'Lya', uma intervenção, agora que estou com coragem. Você reparou o quanto, em muitos desses meses, 'eu' já quis 'te' estrangular por inteiro?

É!!

Quis trocar tudo... Inclusive, o objeto de estudo, como dizem alguns. Algumas empacadas das personagens, inclusive dos outros livros, irritavam. No começo, uma leve simpatia. Depois, algo em mim os desqualificava rápido demais. Eu dizia: "É pouco para o que eu preciso"; ou, "esses personagens não têm repertório ou consistência"; ou mesmo, "são mal-e-mal uma manca fotografia das forças reativas da vontade".

Certo! Questão das forças reativas da vontade... Isso pode até acontecer, sim, em determinados casos e tempos, pode ser até algo que sua escrita insista em demarcar certas figuras contemporâneas.

Mas, 'Lya', o fato é que, sem nada se diferenciar em mim ou mesmo potencializar um dado modo de pensar, eu continuava sendo esnobemente rápida no gatilho – e nem me incomodava.

Era uma questão de manejo de laudos. Para cada fragmento, o carimbo: Insuficiente [em termos de intensidade], ou Forças Reativas da Vontade.

Achava esperteza, entende? E mesmo com este suposto andamento do estudo, a sensação de abismo e descrença era o que mais se apoderava.

Como escrever tendo que compor em meio a essas travas ou percebendo tanto precursor sombrio da vontade de conservação e de recauchutagem de esquemas para a vida?

Além disso, não sei se é do seu conhecimento, mas as pessoas aqui no, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, constumam investir em apontar lances afirmativos para os contextos que elas estudam.

EM OFF: Hoje, há até risos sobre os 'nós' que atravessam os tempos e períodos. E houveram alguns outros tempos; até que... Na chamada "qualificação de mestrado", houve uma tirada de tapete implacável. Perdi o rumo de casa. A delicadeza e o cuidado no estendimento de redes de

sustentação, compondo com tais apontamentos, acabaram de arrebentar com o resto de mim...

“Casa não há mais!” Era o que eu me dizia, já que não era o rumo de casa que estava em suspenso: era a própria casa.

Resumindo: duas colocações ficaram ressoando em mim: um conjunto de frases básicas e um fragmento mais complexo. Qual você quer?

Certo.

Então, olha só. Primeiramente, ouvi:

Desqualificar é também somente sintoma de um tempo de descrença. É preciso fazer mais que isso; inclusive tente retomar o tesão inicial que te levou a esse estudo.

Tem aí, uma espécie de 'devir feminino na escrita' que, na correspondência com a obra da Lya Luft, se dá também em você.

Desqualificar tudo implica em perder essa ressonância; ou seja, isso que também tinha fisgado você a ponto de te lançar a criações que afetam e que têm algo a dizer ainda.³⁸

Eram essas, 'Lya', as frases básicas. Depois, veio a leitura que segue:

(...) surgem perguntas como: que significa um filósofo render homenagem ao ideal ascético? Para então indicar uma possibilidade de resposta: 'ele quer se livrar de uma tortura!'. O filósofo seria então aquele que se alia ao ideal ascético pari passu em que vai se afastando de um experiência mais carnal, mais vívida, e passa a se dedicar por completo ao que considera um experiência superior. Parece buscar uma espécie de refúgio, isolamento, um deserto, que o mantenha longe do que considera o mais prosaico e cotidiano da vida ou seja, mulheres, filhos e outros ruídos que o afastariam de interesses que julga mais preciosos. Aqui uma vez mais, Nietzsche vai expor

³⁸ PELBART, P.P. Notas de Qualificação. 2005

a ferida, a questão que está aqui em jogo – o filósofo necessita afastar-se do 'hoje'!³⁹

Na qualificação, foram consideradas, entre tais fragmentos, diferenças importantes.... mas, também, boas ressonâncias. Isto, não caberia aqui destrinchar. Mas alguns efeitos se darão a ver uma hora dessas.

Bem, 'Lya', voltando: Eu ali, sem casa e, por incrível que pareça, viva.

Depois de tanto bambear, o que mais toma conta é justamente um interesse por essas sutilezas do que chamamos 'naufrágios em nós', interesse por bibliotecas, livros, entrevistas, arquivos. Um exemplo que inclui tais elementos, e até mais, é o tempo em que andei pelas bandas do abecedário de Gilles Deleuze.

Assombros e entendimentos outros aconteciam. E quando o efeito de vozes de tuas personagens voltavam, havia lances de transpassagens, ou seja: efeitos que, em mim, a princípio, revelavam somente signos de lamento, queixa, falas que patinavam no mesmo lugar, discursos fracos, viciados, em territórios já desfeitos. Nisto, reclamando-lhes a refacção, ganhavam um novo ar. Lances nas personagens que não apresentavam uma chispa sequer de algo vital potencializando-se entravam numa reviravolta...

Eram componentes de uma travessia complexa à qual tais figuras se lançaram. Quando algo nos acontece, há em muitos 'sítios' de nós, a passagem por um tempo de choques e lamentos imanente às composições. Vejamos alguns segmentos da entrevista de que falei, o Abecedário.

Eis o que é a queixa: "O que está acontecendo comigo é grande demais para mim". Aceitando, pois, o lamento, o que nem sempre se vê, pois não é só "Ai, ai, que dor!", mas também pode ser. Aquele que se queixa nem sempre sabe o que está querendo dizer. A velha senhora que se queixa de seu reumatismo está, na verdade, querendo dizer: "Que potência está se apoderando da minha perna e que é grande demais para que eu a suporte?" (...) Não tem nada a ver com tristeza, é a reivindicação. Há uma coisa na queixa que é impressionante. (...) Não é o "Ai, como dói!", e sim "Por que tenho órgãos?" Por que isso, por que aquilo... O lamento é sublime! (...) Mas há períodos em que [se] está fora de tudo.

³⁹ VIEIRA, Maria Cristina Amorim. *O desafio da Grande Saúde em Nietzsche*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, p. 27.

(...)É toda uma arte! Além do mais, tem um lado pérfido: não se queixe por mim, não me toque. É um pouco como as pessoas demasiadamente polidas. Pessoas querendo ser cada vez mais polidas. Não me toque! Há uma espécie de... A queixa é a mesma coisa: "não tenha pena de mim, disso cuido eu". Mas ao cuidar disso, a queixa se transforma. E voltamos à questão de algo ser grande demais para mim.

A queixa é isto. *Eu bem que gostaria de todas as manhãs sentir que o que vivo é grande demais para mim porque seria a alegria em seu estado mais puro. Mas deve-se ter a prudência de não exibi-la, pois há quem não goste de ver pessoas alegres. Deve-se escondê-la em um tipo de lamento. Mas este lamento não é só a alegria, também é uma inquietude louca. Efetuar uma potência, sim, mas a que preço? Será que posso morrer? Assim que se efetua uma potência, coisas simples como um pintor que aborda uma cor, surge esse temor.* (...) Alguma coisa pode se perder, é grande demais. Aí está o lamento: é grande demais para mim. Na felicidade ou na desgraça... Em geral, na desgraça. *Mas isso é detalhe* (grifo meu).

As personagens e os protagonistas de *Exílio* e de *O Ponto Cego* estão lançados a uma zona de experimentação; de combate, mesmo. Uma frágil vontade de movência e a insistência de tantas outras linhas duras.

Suspense, suspensão, encruzilhada quanto ao que, em tais contextos e personagens, diz de uma convalescença; enfim, neste período em que *se está no limite de mais vida assim como de maior proximidade com a morte*⁴⁰.

A tensão de naufrágio desta vontade de movência está posta no ar.

É na convalescença que se está [nesse] limite (...) Ou se afirma a vida ou a morte, e assim a estrada se bifurca: é o que costumamos concluir. Mas, se entendermos convalescer como recuperação da vida, onde vida e morte caminham juntas, que implicações adviriam disto⁴¹?

(...)O poder ser da vida induz uma tensão de contraste, mas não de oposição com o não viver⁴².

(...)Aquele que parte e cuja coragem o leva a superar a própria nostalgia da distância do lar, da pátria, de um amor, dos antigos ideais, e lançar-se ao mar; aquele capaz de enfrentar e viver todo o leque de possibilidades que a vida lhe oferece nesta aventura, é também o que tem possibilidade de levar mais longe todo este empenho de vida (...)⁴³.

São personagens brotados de um tempo que, sim, traz em si esta tensão de vida e morte. Chispas vitais e chispas de desistência... saltitando... por entre correntes de ventos não dicotômicos que a tudo complicam.

⁴⁰VIEIRA, Maria Cristina Amorim. *O desafio da Grande Saúde em Nietzsche*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, p. 74.

⁴¹Idem, ibidem.

⁴²Idem, p. 75.

⁴³Idem, p. 76.

Para um jogo por vir

•
•
•

..

“(...) *Eu, eu, se não me falha a memória, morrerei.*
É que você não sabe o quanto pesa uma pessoa que não tem força.

(...) Lírios brancos encostados à nudez do peito. Lírios que eu ofereço ao que está doendo em você. Pois nós somos seres e carentes. Mesmo porque certas coisas – se não forem dadas – fenecem. Por exemplo – junto ao calor de meu corpo as pétalas de lírios se crestariam. É por isso que me dou à morte todos os dias.

Morro e renasço.

Inclusive eu já morri a morte dos outros.

Mas agora morro de embriaguez de vida. E bendigo o calor do corpo vivo que murcha lírios brancos. (...)”⁴⁴

Clarice Lispector

Que o atravessamento de forças e quereres no corpo
seja veloz o suficiente ou lento o suficiente para
crestar lírios brancos.

⁴⁴ LISPECTOR, C. apud BORELLI, O; *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. 2 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, pp. 61-62.

Que uma atmosfera que se quer clínica ao ser
interseccionada por lances intensivos, ou mesmo por
um dado precursor sombrio do intensivo, não os
atropela ou negligencie.

E que uma delicadeza ainda insista em resistir,
mesmo em tempos de desassossego.

E que existam panelas de pressão às avessas,
jantares,
náufragos,
Riachos e redes.
Cadeiras derrubadas e mais algumas outras coisas se
estilhaçando no mundo.

Que existam nos rios umas coisas lisas e escorradias.
Que achem ser estas lombos gosmentos dos demônios lá no fundo.

Que existam Lucas,
mães que moram com os filhos e outras que não,
vendas pretas,
olhares,
perfumes,
luxos,
ventos,
mares,
neuras,
surtos,
escapes,
partos,
diabos,
peles,
..... e prudências.

IV – Referências

ALLIEZ, Éric (org.). *Gilles Deleuze: Uma Vida Filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000.

CHILLEMI, Margaret Maria. *Tirando a poeira da palavra amor: experimentações no cinema e na clínica*. São Paulo. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad: Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____, *Crítica e Clínica*. Trad.: Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, vol. I. Trad.: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. *O que é a Filosofia?* Trad.: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. *Kafka – por uma literatura menor*. Trad.: Júlio Castanõn Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad.: Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

LINS, Daniel; COUTO, Sylvio de Souza Gadelha; VERAS, Alexandre (orgs.). *Nietzsche e Deleuze – Intensidade e Paixão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

LUFT, Lya. *Canções de Limiar*. Porto Alegre: IEL, 1964.

_____. *Flauta Doce*. Porto Alegre: Sulina, 1972.

_____. *Matéria do Cotidiano*. Porto Alegre: Grafosul/IEL, 1978.

_____. *As Parceiras*. Rio de Janeiro: Record, 2003 [1980].

_____. *A Asa Esquerda do Anjo*. São Paulo: Siciliano, 1991 [1981].

_____. *Reunião de Família*. Rio de Janeiro: Record, 2004 [1982].

_____. *O Quarto Fechado*. Rio de Janeiro: Record, 2004 [1984].

_____. *Mulher no Palco*. São Paulo: ARX, 1984

_____. *Exílio*. Rio de Janeiro: Record, 2004 [1987].

_____. *O Lado Fatal*. Rio de Janeiro: Record, 2004 [1988].

_____. *O Rio do Meio*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *Secreta Mirada*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *O Ponto Cego*. São Paulo: Mandarim, 1999.

_____. *Histórias do Tempo*. São Paulo: Mandarim, 2000

_____. *O Mar de Dentro*. São Paulo: ARX, 2002

NEGRI, Toni. *Exílio, seguido de Valor e Afeto*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

PELBART, Peter Pal. *O tempo não reconciliado* . São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 1998.

_____. *A Vertigem por um fio*. São Paulo: Iluminuras, 2000

_____. *Vida Capital – Ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. Org.: Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PERES, Marcos Flamínio. A aprendizadem da Literatura. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 7 out., 2001. Caderno Mais, pp. 4-10 (contém fragmentos e correspondência trocada entre Clarice Lispector e Fernando Sabino de 1946 a 1969).

ROLNIK, Suely. A Vida na Berlinda. In: COCCO, Giuseppe (org.). *O trabalho da multidão: Império e Resistência*. Rio de Janeiro: Grifus, 2002

_____. “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. Conferência proferida no simpósio: *A Vida em Tempos de Cólera*. São Paulo: Itaú Cultural, 2006.

SALLES, Cecilia Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Annablume, 1998.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Tais Superfícies: estética e semiologia*. Rio de Janeiro: Otti, 1998.

VERNANT, Jean-Pierre. *A Morte nos Olhos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.